

tar-me no Quartel-General; como o actual regulamento, a esse respeito, nada diz, faço de conta e deixo correr.

Eles, tambem, pouco se importam com a m.<sup>a</sup> pessoa.

O jornalico da terra O Despertar, de ontem, n.<sup>o</sup> 1327, dá a noticia jubilosamente: « Foi promovido a ten. car.<sup>o</sup> pelo que con-  
"diamente o felicitamos, este nosso illus-  
"tre patricio e distinto arquetipo.»

... distinto arquetipo...

Ele ha cada uma!

Abril: 21.

Hoje cheguei a Alma Nova da Lousã; lá recei no seu n.<sup>o</sup> 249 de ontem a seguinte noticia certamente feita pelo velho amigo dr. Jose' Cardoso:

« Promocão. — Foi promovido a ten. car.<sup>o</sup> o nosso illustre amigo B. P. devotado republicano e escritor distinto, cuja colaboração já honrou as colunas do nosso jornal. Bemfiteiramente - lo affectuosamente. »

E com um ou outro bilhete de visita com parabens, o facto passou como a coisa mais natural deste mundo — co-



mas, no fim do contar, é. Mas a verdade é que com outros o caso seria diferente. É tudo questão de estar ou não nas boas graças.

Mais: 22.

Venho da cidade baixa onde assisti á chegada do poeta Correia de Oliveira que os estudantes da faculd.<sup>a</sup> de Letras chamáram a Coimbra p.<sup>a</sup> lhe prestarem homenagem.

Quando se começou a falar nisso perguntei a mim mesmo porque é que os estudantes queriam homenagear este poeta e não qualquer outro de mais valer e maior significação?

Já encontrei, parece, a explicação: a ideia veio dos reaccionarios por intermedio do C.A.D.C. (Centro Academico da Democracia Cristã) — pois que o Correia de Oliveira é o unico poeta contemporaneo catolico a valer e de espirito reaccionario. Pleneu até uma sessão no C.A.D.C. na qual ficou assente esse ponto e na qual se resolveu tratar duma manifestação de certo estreado.

Restamente a comissão organizadora é de catholicos — e nas notas officiosas e nas entrevistas que tenho dado, falei e repeti tanto a afirmação de que na fes



ta não ha politica, que ficamos todos sa-  
bendo que apenas não ha politica republi-  
cana e liberal.

A recepção foi curiosa e deu-se tal  
ver impressionar estranhamente o poe-  
ta que é homem serio e modesto: baldes  
venerianos na ponta de bexigas e bam-  
buis, farto viverio e as canções vulga-  
res dos arraiais:

Ora vai tu,  
Ora vai tu,  
Ora vai vai!...

E o poeta num automovel descubierto,  
com a familia, com uma capa de estudan-  
te aos ombros, em cabalo, com as de com-  
prometido, sorria e olhava para todo aque-  
le tumultuar como quem não comprehen-  
dia o que via.

Que ideia iris a fazer o pobre homem?

De julgará ele que é assim que a Aca-  
demia de Coimbra celebra as suas honre-  
ragens?

Mais: 23.

Hoje de manhã recebi um telegrama  
do Alberto de Oliveira, mandado de Bru-  
xelas, em que me pedia para eu oferecer  
ao poeta Correia de Oliveira a Torre de  
Antão para sua residencia durante os fe-



tas academicas em sua honra. Lá fui procura-lo ao Hotel Astoria.

O porteiro annunciou-me pelo telefone e deu o nome e o posto; de modo que ao subir á sala, e ao entrar, dei com o poeta perfilado, com ar grave, como de quem dava recepção. O seu aspecto era de pessoa superior, certa frieza no todo, ar interrogativo de homem celebre que se puzesse para os seus botões:

— Que diabo quer de mim este polve  
 tenente-coronel?

Eu, logo para atallar e não lhe deixar duvidas, pezei pelo telegrama e disse-lhe ao que vinha. Ao pronunciar o nome do Alberto de Oliv., ele teve um gesto afavel e mudou de attitude; e ao ler o telegrama, eutão, exclamou enternecido para a esposa que estava ao lado:

— Ora né, Fulana (não fixei o nome) que gentilera!... que ideia tão bela! Que bom seria passar um tempo na Torre! Ah me! lua de mel de estudante de Coimbra!...

Etc. etc.

Eu ouvia e pensava que as manifestações lhe deram volta não direi já ao miolo mas á sua recolhida modestia, á sua humildade de poeta da Terra e



do Povo e á sua cristianíssima renun-  
cia de glórias e vaidades...

Falava com vivacidade, com gestos  
que me pareceram desproporcionados á  
ideia que dele fazia e terminou por, com  
delicadeza, por me pedir o Telegrama...

— Bem né V... ; os jornalistas são,  
por vezes, tão indiscretos...

Eu pensei em lhe dizer, por ironia,  
que se ninguém revelasse aos journalis-  
tas a existencia do Telegrama, eles não  
falariam em tal; mas... não quiz ma-  
goa-lo e entreguei-lho logo.

Despedi-me dele e da esposa que esta-  
va rodeada por outras senhoras; desci  
a escada dizendo p.<sup>a</sup> comigo:

— Estás pronto! Adeus humildade  
cristã!... adeus renuncia!...

Junho: 1.

Disse-me ha pouco o Lourenço Cha-  
ves Almeida que o juiz Gilberto de Bes-  
sa Drapão o mandára chamar para lhe  
dizer confidencialemente que, no fim de  
contas, a queixa feita ao Conselho Superior  
Judiciario (que atroz ficou copiada) contra  
o juiz Oliveira Dires deu a para sinal.

O juiz Dires foi transferido para o  
Porto para cargo de categoria inferior e o



Couselho vai mandar um outro juiz a Coimbra para rever certos processos despachados por ele e que deram azo a varias queixas.

Um ano p. resolver! Mas, enfim, sempre se resolveu.

Junho: 7.

Escrevi hoje ao Alberto de Oliveira. Entre varios assuntos falei no caso do poeta Correia de Oliveira nestes termos:

« Recibi o telegrama de U. relativo ao poeta C. de O.; mais-lhe depois, cerca das 10 h. e mais, procurei-o no hotel e encontrei-o no momento em que ia sair: li-lhe o telegrama e juntei as ofrecimentos de U. o dos meus prestimos. Ele ficou encantado com a oferta e disse-me que a ia comunicar aos rapazes, mas porque aceitasse a hospedagem mas para não deixar de fazer uma visita á Torre; procuraria metter no programma esse paragrafo interessante.

« Em vista disto deixei tudo combinado no hotel para me prevenirem de hora a q. ele quizesse ou podesse ir á Torre; fui lá dar uns toques rapidos, colocar flores nas jarras, etc. Mas ao



fim de uns oito dias as flores murcháram e o Poeta não foi...

«Agora vem V... como me desempenehei da missão com q. me honrou e q. eu muito agradeço. É possível que não fosse só a falta de tempo q. evitasse a ida do Poeta à Torre, mas sim o facto de a homenagem ter nascido no C. A. D. C. e por consequencia os rapazes terem o cuidado de afastarem a ideia para não tratarem comigo.

«Quanto á manifestação, por muito que os jornais dizem, não esteve á altura do Poeta que se queris celebrar; viu-se claramente, e a tempo, que havia o propósito por parte dos reaccionarios de empolgar a festa — e daqui o afastamento dos Drs. Euzébio de Castro e Manuel Gaió, a frieza de uma parte da Academia e até o protesto semi-serio do grupo Presença de que envio um exemplar a V... como curiosidade.»

Estas informações, francas m. F., foram dadas com certa melancolia. Calculo que o Alberto de Oliv. não gostará muito dos commentarios; mas, enfim, é bom que eles não saibam as coisas.



Junho: 10

Recabi hoje uma carta do Pires Monteiros em que me diz que, por um decreto recente, foi suprimida a Escola de Terras Antonia Augusto Gausques (que elle creára quando ministro) e anexada á Escola Industrial Gausques Benevides.

É' possível que haja qualquer motivo de ordem economica ou pedagogica para esta supressão; mas na base está a má vontade dos actuais detentores do poder para com o velho Gausques, o intransigente anti-clerical, o valente polemista que vanta bardoada tem dado em todas as ~~op~~ opressões e injustiças.

O caso é', na sua base, este e digam elles o que quizerem dizer.

Pede o Pires Mont.º para que em Coimbra se procure fazer um movimento de simpatia á volta do Gausques para ver se se consegue a anulação do decreto.

Bom Pires Mont.º! Não sabe elle que Coimbra esfrega ~~as~~ as mãos de satisfação no dia em que a noticia se espalhar.

Tem todo o caso vamos a ver como a campanha se poderá lançar — se isso for possível.

Mas não deve ser. Coimbra, de certo, exultará.



Junho: 15.

Veiu hoje nos jornaes que o Antonio Viana foi punido, por despacho do ministro da Instrucção, com 60 dias de suspensão e transferencia para a Inspeccão Municipal de Portalegre, como amanueuse.

Causa que ele vai reclamar.

E até que eu fim, terminou a esquadra.

Junho: 18.

Escrevi hoje ao Pires Monteiro acerca do caso da Escola de Ceramica. A carta ficou copiada.

Junho: 22.

Em começo de Março feiz procura do pelo dr. Domingos Lara que eu nome da comissão do monum.<sup>to</sup> ao dr. Antonio José de Almeida me veio pedir para eu fazer, em Miranda do C.<sup>o</sup> a entrega das listas de subscrições.

Eu não me podia escusar, mas aconselhei que não pensassem em fazer lá uma comissão porque, dada a desumiao das pessoas categorizadas, seria pior a execucao do que o ponto — e assim resolveram.



Entendi, parem, que não devia fazer nada sem primeiro falar com o medico dr. Clemente Falcão — o mais velho e mais categorizado republicano do cavelho; e como não podia ir lá nestes dias, escrevi-lhe uma carta a que ele logo respondeu, em 18 do mesmo mês de Março, com outra muito interessante q. argüi que porque define bem o homem e a terra.

O tempo passou e só ontem é que consegui ir a Miranda entregar as listas, as quais, com espanto meu, foram bem accitadas e, pareceram-me até que com algum interesse.

Não tive occasião, parem, de procurar o dr. Clemente Falcão e por isso lhe escrevi hoje uma outra carta que aqui copio para documentar o caso — e também porque quero documentar a consideração que ele sempre me mereceu.

« <sup>meu</sup> Sr. dr. Clem. Falcão:

« Fui ontem a Miranda tratar de assuntos particulares e estava convencido de que teria tempo de procurar V... para agradecer a sua carta de 18 de Março ult. e explicar, pessoalmente, o que se passou a respeito do monumento ao dr.



Ant.º José de Almeida. Felizmente o intervalo de pouco mais de uma hora, qual deu tempo p.<sup>o</sup> tratar de uns casos de interesse particular e urgentes e tive, com tua vontade, de adiar a visita a U.<sup>o</sup> — visita que projectava há mais de 2 meses e que, trabalhos continuos e falta de saúde me não tem deixado fazer.

« Não quero, porém, adiar por mais tempo os meus agradecimentos pela pronta e atenciosa resposta de U...; compreendo m.<sup>to</sup> bem os comentários que U... faz e, com franqueza, já os previa — pois conheço, sufficientem.<sup>te</sup> os meus. Mas eu é que nada queria fazer, em tal assunto, sem ter, com U... as atenções a que tem direito — por tudo.

« Este o motivo desta m.<sup>a</sup> carta e da visita ~~de~~ que não desisto de fazer quando tiver um pouco de repouso.

« E até lá, continuo a afirmar a U... a m.<sup>a</sup> consideração, etc. etc. »

Seteembro: 1.

Caldelas.

Há tres dias aqui! ... O Paraiso, meu mais meu meus.

E pensar que, passados uns desoitos dias me terei de ir embora!



O mundo é tão feio e tão ruim, visto deste cantoquinho, desta varanda do Hotel da Bela-Vista onde me estendo todo o dia, em frente dum cenário tão bello e tão doce!

O que se passa além destes montes q. circundam esta encosta de verdura — é um conjunto tão desagradavel!

Aqui, neste tempo, neste sossego ineffavel, me peço vagamente que o bom seria ficar sempre assim, olhando o tapete verde que se estende por esse vale do rio Plomem, vendo a luz dar variações constantes ao cenário encantado que me absorve por completo, e sendo em baixo, murmurar brando ruído das aguas dos riachos pedregosos.

Lembrando-me do q. vai além desses montes que me rodeiam — que feliz o homem que aqui ficasse sempre preso pelo encanto desta tão grande e doce paisagem!

Mas não me é dado, ai de mim!, esse fim de vida. O mundo espera-me daqui a uns poucos dias e então voltarei á engrenagem do costume, engrenagem trituradora que me fará chorar estes dias tão bons...



Setembro : 29

Paz, Maфра.

No Diario de Noticias, de Lú. vem hoje o relato de uma festa que o Alexandre de Almeida organizou no Buzaco para comemorar o anniversario da batalla.

Hoje almoço de gala com ministros e tudo; ao champagne o brigadeiro Gomes de Sousa fez discursos reafirmando os seus antigos pontos de vista sobre a acção do exercito na politica. E já agora, já que falei no assunto, deixo aqui, para memoria, o seguinte recorte:

O sr. brigadeiro Gomes de Sousa, comandante da região militar de Coimbra, que, seguidamente, usou da palavra, lastimou o atraso do nosso país em relação aos outros povos da Europa, devido, como disse, á indiferença dos novos.

—Desaparece—proseguiu—a pouco e pouco, a energia que caracterizava a nossa raça. Dizem que é do nosso feitio. Mas que melhor exemplo querem do que o que o Exercito está dando?! É preciso aproveitar a nova geração, fazê-la despertar, porque não podemos contar com outro apoio. Dos outros campos nada virá. Energia não nos falta para levarmos a cabo a obra grandiosa de remoçoamento de Portugal.

Ao concluir, o orador ergueu a sua taça, brindando pelo sr. general Oscar Carmona.

Vale a pena, talvez, p.<sup>a</sup> fazer ideia dos tais pontos de vista do homem, aferrado como ainda anda ás teias de aranha que trouxe da Alemanha ha uns bons trinta annos.

— E' homem de principios assentes, dizis-me, ha tempo, subtilmente, o dr. Joaquim de Carvalho.



Outubro: 13.

Coimbra.

Ca' estão outra vez em Coimbra, no inferno da vida...

É hoje no dia da S.<sup>a</sup> de Fátima!

Presentei na terra com excelente mandrinha.

Outubro: 30.

Fui ontem abrir o novo ano escolar da Univ. de Liure.

O Visconde de Leões conseguiu que o dr. Carlos Santos, Filho, radiologista de Lisboa fizesse a 1.<sup>a</sup> conferência; e conseguiu ainda que o dr. Alvaro de Matos, de Coimbra, presidisse à sessão.

Eu lá fui, como plastron da Univ. de Liure fazer a abertura e lá conheci o Alvaro de Matos p.<sup>o</sup> a presidência; este fez o seu discurso laudatório ao conferente mas não se dispôs de mostrar q.<sup>o</sup> era reaccionário e de dar a sua grada aos seus inimigos na Faculdade (Bissais & C.<sup>o</sup>), etc. etc.

A sessão foi, pareceu m.<sup>to</sup> boa e pareceu ter agradado muito. O Carlos Santos, é claro, como professor de Lx.<sup>o</sup>, falou como se o auditório fosse da aldeia; mas foi, sem dúvida, com excelente lição.



Novembro: 12

Dois casos curiosos...

Em 8 de Abril de 1929, como deixei dito, mandei uma carta ao presidente do Cons.º de Arte e Arqueol.º acompanhada de uma proposta.

A proposta, deixei - a copiada mas a carta não.

Ora hoje, casualmente, vendo um maço de papéis metido no livro das actas do Cons.º que aqui tenho em casa para escrever a acta da ultima sessão em que eu fiz de secretario, saltou - me aos olhos um sobrescrito com letra minha; abri - a por curiosid.ª para ver o que era e dei com a carta escrita em 8 e junto a ela a proposta já referida.

Também por curiosid.ª fui ver como na acta o caso foi mencionado; abri o livro e procurei - mas nada encontrei além da 1.ª parte da carta.

P.ª melhor compreensad copio aqui a carta:

« Casa de V.ª. 8 - Abril - 1929.

« V.ª. Presid.ª do C. A. A.

« É possível que amanhã não possa comparecer na sessão 3.ª. U.º. convoco para as 16 h. Comunico, porém, que me



associo á proposta q. V... deseja apresen-  
tar a respeito do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ant.<sup>o</sup> Dep.<sup>o</sup> Gon-  
calves e aprovo todas as Resoluções que  
se lhe prestem ou q. se promovam.

« Desejava, se estivesse presente, apre-  
sentar uma proposta que requereio fique no  
acta, relativa á Tortura a que hoje foi sujei-  
to o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ant.<sup>o</sup> Dep.<sup>o</sup> Gonçalves como  
das salas da Inquirição — onde funciona  
uma das secções ou varas da Justiça. Se  
V... assim o entender, fará o obsequio de  
a mandar ler; vai inclusa.

« Renovando a afirmação de que o Con-  
selho de Arte e Architectura deve dar toda a  
solidariedade ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director do Museu  
Mach.<sup>o</sup> de Castro, subscrevo - me, etc. etc. »

Ora bem. O que o secretario do Cons.<sup>o</sup>  
Alameda Ferraz de Carv.<sup>o</sup> copiou foi ape-  
nas o prim.<sup>o</sup> periodo da carta; e nem a  
proposta nem qualquer referencia ao res-  
to da carta constam do acta ou das requisi-  
ções.

Lembro - me de que o Laureano Cha-  
ves Almeida me disse entao que o velho  
Gonçalves gostara muito da carta, especial-  
mente pela referencia á Inquirição.

Mas a proposta ... ficou no boteiro  
por causa das devidas.



Leudo mais algumas actas, vi que na de 19 de Janeiro deste anno, quando o Vergilio Correia apresentou o 1.º numero da revista e disse que a maior parte do esforço para a sua publicação se devia a mim e propunha que essas palavras, por dever de justiça, se mencionassem na acta — o meu secretario Ferraz de Carvalho omitiu a seguinte allocução; da acta nada consta do que disse o Vergilio...

Pode-se fazer alguma coisa com tal conspiração, tão absurda e perniciosamente?

Que mal fiz eu a estes cavalheiros para assim ser tratado?

Novembro: 16.

Receli aviso para a sessão do Conselho de Arte, amanhã; traz a nota de que é para eleições de presidente e secretario.

E' claro que não farei lá os pés. Dos poucos, vou deixando de comparecer e far-me-hei esquecido como costume.

Para quê?... para que hei-de andar a reman contra a maré?

Novembro: 24.

No domingo passado, na sessão do Conselho de Arte, compareceram apenas uns 3 ou 4 rapazes e por isso não pude



funcionar. Parece que todos fugiram á responsabilidade da eleição.

Durante a semana fizeram-se varias delibencias no sentido de haver numero para nova pessoa em que se elegesse como presidente o dr. Alberto Cupertino Pessoa. Depois de varias dificuldades vencidas, conseguiu-se tudo — e hoje foi eleito, realmente, o Pessoa, com geral satisfação e, deve dizer-se, justamente.

O Ant. Sup.º Gonçalves, Laurence, da Almeida e Tomás da Fonseca teimavam no meu nome; tudo, porém, se calou e o caso ficou arrematado com satisfação geral.

O Pessoa disse-me que quer já a ajudar varias propostas minhas, entre ellas a de nomear-me ao dr. Teixeira de Carvalho, declarando sempre que a iniciativa se deve a mim, etc. etc.

Pode ser que sejam só palavras.

Dezembro: 28.

Leu-me de parte, ou de outra parte, quanto aos meus trabalhos.

Lembrei-me de fazer reparatê do es-tudo que vai ser publicado na Revista Militar, nos primeiros numeros de proximo, acerca da marcha do exercito fran-



ção de Massena, em 1811, através do can-  
celho de Miranda do Corvo.

Consultei a Tipografia sobre os preços  
de 50 e 100 exemplares; a resposta é de  
tal ordem que tive de pôr de lado a ideia.

Os meus argumentos não comportam  
tais exigências q. acho excessivas.

Mas, enfim, é assim mesmo.



— 1931 —

Janeiro : 2.

Recebi hoje comunicação de que fui nomeado presidente do Juri do Tribunal Militar de Vizeu, p.<sup>o</sup> o quadrimestre.

Fevereiro : 3

Vizeu.

Cheguei hoje no comboio da tarde p.<sup>o</sup> a grande missão de administrar justiça. Missão ingrata.

Instalei-me no Hotel Portugal, dos Casimiro Taveiros — muito bem considerado.

Na sala de visitas já não estão os retratos do rei D. Carlos e do Sidónio Pais, ao fundo, na mesma parede, separados pitorescamente por uma colheita calçada de raio empalhada — manifestação lealista do proprietario á memoria dos dois monarcas... Agora, encontrei uma simples sala, correcta, com retratos amplificados dos Casimiro, avô e neto; e a um canto um aparelho de T. S. F. para deliciar os hospedes, depois do jantar, com



todas as festas e reuniões que ha por esse mundo alem.

Amanhã vamos começar com a terrivel administração da Justiça.

O que será aquilo?!

Quereiro : 4.

Vizeu.

Tive hoje o prim.º encontro com a justiça militar — e não gostei.

O tribunal é constituído por gente amavel. O juiz auditor, dr. José Maria da Costa, hennensarrao da Beira, com ar de Artagnan, é destes juizes que estariam melhor no exercito: expedito, voz forte, tom de comando em tudo — e embora adoe esta forma imperativa natural com amabilidades constantes. O defensor officioso e promotor, uns polues diatos que estão a fazer o seu papel mais ou menos discretamente. Nos intervalos conversam de mesa p. mesa, com á vontade interessante, sobre politica, casos do dia, juços dos generos, etc.

O primeiro acusado q. appareceu foi absolvido — bom sinal! Era um licenciado do dado por desertar; alegou falta de aviso, etc. etc. Houve de 37 anos, vítima de um intrujad que o levou a empinar —



e daqui, muito naturalmente, veio a deserção. Um pequeno drama que daria para um conto.

O segundo, um rapaz de 19 anos, com cadastro enorme e complicado: roubos, furtos, mentiras, etc. etc. El careano de S. Miguel. Um desgraçado a quem as circunstâncias, de certo, empurraram e que, pelo visto, já não encareira na vida. Foi condenado leveiramente devido á pouca idade.

Tudo é máo serviço, desagradavel e ingrato. O que me vale é que o júri ouve-me bem.

Fevereiro: 6.

Vizeu.

A segunda audiência foi mais movimentada do q. a primeira. Os dois acusados foram condenados.

O primeiro (o 3.º da serie) foi um rapaz alentejano, máo tipo, olhar fixo mas sem expressões; desertor por varias vezes e com a deserção, roubos de artigos do Estado q. os vender depois. Confessou tudo sem difficuldade e sem vergonha. Um desgraçado que tambem já não encareira na vida, como tantos outros que a vida do tropa vem estragar.



O regendo (o 4.º da serie) foi um sar-  
gento munitico, acusado de desordem e de  
belledeira, na cid.ª da Guarda a cujo re-  
gim.º pertence. Minhoto de S.º Tirso; ti-  
po pequeno, alvirado, insignificante; ca-  
ra sem expressões. Atravez dos autos vê-  
se que se embetelhava e batia na mulher.  
Mal sabia dizer como os factos se passá-  
ram. Uma miseria. Quizeram dar-lhe  
lizeira punitiva disciplinar; mas o juiz  
que tem a mão pesada deu-lhe quasi o  
maximo que podia dar, de farura a inub-  
liza-lo. O homem recovou.

Dramas.

Fevereiro: 7.

Coimbra.

Recebi hoje o n.º 3 da Arte e Arqueolo-  
gia. Tem um pouco melhor que o n.º 2,  
mais homogeneo, melhor colaborado. No  
final, numa nota acerca do Cons.º de Arte,  
faz referencia á eleição do novo presidente  
e tem palavras amaveis p.º mim, e para  
o meu esforço na criação da revista.

Como não estou acostumado, admi-  
rei-me. Mas enfim, ao menos, sincera-  
mente ou não, o Depilto Correio dá pu-  
blico reconhecimento do que eu fiz.



Fevereiro: 11.

Vizeu.

Terceira audiência. Mais dois acusados: uma serie de miserias pessoas.

O primeiro (o 5.º da serie), um soldado, ha pouco dos seus 30 annos, de Lisboa, filho de mulher solteira e educado ao abandono. Operario. Apresentou-se com serenidade, consciente do q. fez, falando sem hesitações. E' desertor pela 3.ª vez e não explica cabalmente as razões e contradiz-se com as declarações do auto. Conhece já as manhas dos tribunais e parecia m.º a vontade. Não houve modo de atenuar.

O segundo (o 6.º da serie), um rapaz novo, alentejano do Saubispo do Baceu. Na apparencia um pobre diabo; cara dura, boca rasgada, sem expressões. Ao de quem fala a verdade, sem preocupações. Conta como tudo se passou, na sua 2.ª desercão com extraneo de artigos como se fosse coisa natural e obedecesse a fatalid. inexoravel. Foi condemnado ha poucos de um anno; e, quinze dias depois de terminar o castigo, desertou pela segunda vez e roubou artigos. Um desgraçado. Não será antes uma vittima do ambiente militar, da má vontade e indiferença dos sargentos, da má organização dos autos?



Tudo isto se presta a considerações va-  
rios ácerca do ambiente, da Justiça que se  
lhes aplica, etc. etc. É uma triste serie de  
reflexões que me deixa perplexo...

Pobre humanidade!

Fevereiro: 12.

Vizem.

Disse-me o capitão José Guimarães  
Fischer (q. faz parte do júri do Tribunal)  
e confidencialemente que soube pelo irmão  
que é, no Porto, chefe de policia de Informa-  
ção que foi esta mesma policia q. fez sair  
do ministerio o ministro da Justiça Lopes  
deouseca, pois se descobriu q. ele era o  
inspirador da organização dos Legionarios  
da Patria, isto é, dos cacelots integris-  
tas. Será verdade?

Aqui fica p.<sup>o</sup> a Historia.

Fevereiro: 13

Data infeliz... Lei celebre do José  
Franco. Em dias como este, franquista,  
que justiça se pode fazer? Da data que  
carregou na Historia e na Consciencia...

É hoje a audiencia foi mais uma  
prova de que, entre nós, a justiça é mais  
ou menos uma burla e os condenados  
pela Lei são apenas creaturas que necesi-



Varism amparo, camprescud, e made mais.

O primeiro (7.º da serie) era um rapaz novo, estremenho de Alfeizerão; seus olhos largos mas cranio pequeno, ligeiramente disforme. Era de folhe diabo, alquem tanto succumbido. Tatuado no pulso direito, com letras entrelaçadas em ramos. Gágo. Enfim, um predistinado p.º estas audacias e q.º a socied.º ajuda a perder. É' desertar pelo 2.º vez; tem suas campanhas de amendo, e explica a deserção porque «the "deu na cabeça desertar...»

O segundo (8.º da serie) é outro tipo. Rapaz forte, do concelho de Aveiras, boa figura, mesmo rapaz perfeito. Tatuado com uma estrela na mão esquerda. Pela leitura do registo disciplinar vê-se que é violento, insubordinado, facil nas rixas, valente e possivelmente provocador. Fala com facilid.º e clareza. É' sempre gabico e no seu passado nada indica seu caracter. Outra vitima do ambiente militar onde estes temperam.º são incansavelmente e mal tratados em vez de encaminhados. Veiu ao tribunal por deserção a seguir a uma desordeu em Alentejo onde era sold.º ardeheiro; explica-a porque patria que tinha a mãe



doente em amares, paratífica, e queria ir vê-la e calculou que a desordeu em que se envolveu o levaria á prisão. Esta explicação não será verdadeira, mas ao falar da mãe velha e doente teve os seus assômos de consoção que lhe levaram lágrimas aos olhos. Que se havia de fazer em seu favor se a prova era completa?

Um dos castigos da folha era m.<sup>to</sup> curioso: « Por ter ofendido uma mulher em termos violentos e de fazer a produzir-lhe ferimentos sem q. para isso ella tivesse dado razão, etc. »

Tive muito medo de não conseguir q. o mandassem embora. Não foi possível.

Fevereiro: 20.

Hoje, saí da audiência com pouco de mal com a consciencia — mas que lhe havia eu de fazer?

O primeiro julgado (o 9.<sup>o</sup> da serie) era um sold.<sup>o</sup> artíficeiro desertor, tambem accusado de extraneo de artigos. A eterna historia! Um ruinhoto de Barcelos, quasi ruinhoso, ar ruide, com qualquer coisa de anormal. A expressao era má e fez dizer ao auditor, durante o interrogatorio, e pouco protocolarmente que: «... a sua



"bola parece não regular muito bem..."  
 Em todo o caso falou com desembaraço e  
 ar decidido. Meu problema para os neuro-  
 logistas. Explicou a desercão com a resolu-  
 ção de não andar mais tempo na vida mi-  
 litar; deixou o quartel de Coimbra para on-  
 de fora transferido a seguir ao cumprimento  
 duma pena no Forte da Graça e foi  
 trabalhar para o Bombaral onde sem-  
 pre se acantelou com a Guarda Republi-  
 cana — o que o fazia, ás vezes, afastar-se  
 para outras terras. Um dia, porém, nas  
 Caldas da Rainha foi preso e entregue á  
 autorid.<sup>de</sup> militar. Explicou tudo tão cla-  
 ram.<sup>te</sup>, sem deixar dúvidas. Quanto ao  
 extrair de artigos, é a eterna história  
 de nos quartéis se aproveitarem a desercão  
 destes incorregíveis q.<sup>os</sup> se lhe carregarem  
 artigos velhos como se fossem novos e  
 outros artigos q. ficavam para acertar a  
carpa da campanha como se os tivessem  
 levado.

E o que mais me impressionou foi  
 o ar indiferente com que, no fim, o juiz  
 auditar o interpeleou sobre a sua conde-  
 nação — explicando-me depois que tem  
 modado q. alguns sold.<sup>os</sup> saíam do tribunal  
 sem saberem se foram condenados ou  
 absolvidos!...



Que comentarios se poderiam fazer sobre estas coisas! Que tristes comentarios!

O segundo acusado (o 10.º de serie) foi um 2.º sargento do Regimento n.º 12, da cidade da Guarda, de apelido Santa Eufemia, acusado de abandono de posto da guarda de que era comand.º e de insubordinação para com um capitão, ao tempo official de serviço no quartel. É homem alto, 44 anos, beirão de Vilar Formoso, pele avermelhada, de alcoolico. Ab de desalento, de creatura gasta. A defesa chegou a alegar que o réu não estaria no uso completo das faculdades mentais quando commetteu o crime de insubordinação...

A audiencia foi estendal de misérias: misérias da vida particular do sargento, casado com uma mulher doente e pai de uma ranchada de filhos; misérias da vida na cid. da Guarda, passada entre o jogo e o alcool; misérias da vida regimental, em completo abandono dos elementares preceitos de disciplina, de terro, de puerbe-nôr. O official participante foi, nos outros tempos sargento com o réu, trata-se por tu com ele... E no fim da audiencia vim a saber que esse official, capitão Abel Teixeira, vem brevemente a este Conselho



de guerra como réu por um caso estranho de se envolver em desordem com o mestre de carneiros do regimento, do qual levou, em publico, uma carga de pancada ria! ... Que maior miseria?

É meu aqui este desgraçado sargento, vítima do ambiente, acusado de dois crimes que, de mais a mais ~~ocorreu~~ confessou com clareza! É tene de ser condenado!

Eu, por mim, absolvia-o. Mas o júri, fiel á linha traçada, não se inclinou p.<sup>a</sup> tal solução. Os officiaes que, aliás, são conscienciosos, têm todos os preconceitos da classe; e daqui as respostas aos quesitos que fizeram com q.<sup>o</sup> o auditor (que tem a mão pesada) lhe arrumasse com 14 dias de prisão disciplinar agravada — o que lhe traz como consequencia não poder ser readmitido.

Triste fim dum episodio originado pelo ambiente desgraçado do quartel e em q.<sup>o</sup> a vítima foi quasi o innocente. Não sai bem com a consciencia, embora veja que o meu unico voto nada faria em favor do homem; e não quiz influenciar demasiadamente no espirito dos officiaes.

Final, miseria do militarismo.



Fevereiro: 23.

Coimbra.

É como só tenho, ultimam<sup>te</sup>, falado dos julgamentos no Cas.º de Guerra, vou a propósito dizer que esta situação tem um outro aspecto: o dos pedidos para benevolencia.

Ninguém se tem atrevido a pedir absolvição; apenas se pede a benevolencia. É uma fórmula como outra qualquer.

Logo para a 1.<sup>a</sup> sessão tive carta de um official do Quartel-general de Coimbr<sup>a</sup>; referia-se a um rapaz que absolvêmos. Depois, aqui, fui procurado pelo ten.<sup>te</sup> coronel Flaminio Teix.<sup>a</sup> de Azevedo que me pediu por um outro que ainda não foi julgado; e no dia 19 do corrente fui procurado, a noite, pelo ten.<sup>te</sup> coronel Alberto dos S.<sup>ts</sup> Pereira Monteiro que pediu por um outro que também vai ser julgado em breve.

Este Monteiro, até, como foi o presidente do júri anterior, esteve a contar-me coisas do Tribunal, tendências, de certo, a deixar em mim a ideia má do seu pessoal. Percarias, afinal de contas, de que se fez eco, não sei bem porquê.

É a respeito de pedidos: o mais interessante deles é o de um advogado, o professor do Liceu de Coimbra, dr. Manuel



Sernas Pereira que vai defender um soldado que roubou a Cooperat. Militar; ouviu uma especie de memorial aos vogais do jury a pedir clemencia... Com tão poucas cartas ele tem a defesa que vai fazer!

Atende assim, tenho sido peripato; mas os vogais do jury recebem poucas cartas com peditarios.

E' um dos vicios nacionais.

Fevereiro: 24.

Audiencias curtas, as de hoje. Deixaram vir possadamente nos comboios da tarde p.<sup>a</sup> casa.

Foram julgados casos repetidos; e como já temos a mão assente, a resolução foi relativamente rápida.

O primeiro (11.<sup>o</sup> da serie) era um soldado licenciado, do regimento da Covilha, acusado de faltar á convocação de licenciados p.<sup>a</sup> acudir á repressão da revolta de Fevereiro de 1927. E' homem do campo, creado de lavreira, de S. Vicente da Beira; 30 anos; crâneos curioso de negro, mas de côr morena natural. Falador, expõe com desembaraço e explica tudo com facilidade. O curioso é que, depois de ser dado como desertor, foi a duas revistas de inspecção de licenciados nos D. R. R. e não



deram com a falta! Só em 1930 é que lhe disseram que era desertar!

O rapaz, em vista disso, apresentou-se logo e esteve preso quasi 6 meses!... Bom serviço, o daquelle D. P. R. e bom funcionamento da justiça!

O rapaz, é claro, foi absolvido; mas o certo é que miçucas lhe tirou do lombo os peios meses de prisão.

O outro, o segundo do dia (12: de série) era outra coisa bem diferente. Clarim de Eupentia, dos pontoneiros; rapação perfeito, tipo manual; tatuado ligeiramente em ambas as mãos. Natural da Couva de Lavos, da Figueira da Foz, de onde choveram empentidos, um dos quaes por intermedio do cavalleiro tauro-matico José Casimiro. Acusado de deserção, extraviio de artigos e recuda dos mesenos além de tripa com empregados ferroviários em Alfanelos, numa occasião em q. pretendia viajar sem bilhete. Anteriormente, respondera duas vezes em tribunais civis onde foi condemnado. Fala com facilidade mas procura emburthar os assuntos; mistura as culpas; suborna novo, com 22 annos, parece pratico em responder nos tribunais. Vê-se que é de temperam. independente que o leva



a dizer simplesmente «o capitão» ou «o juiz» ou «a tropa» ou ainda «os tardes dos ferroviários...» etc. etc.

Mais outra vítima, possivelmente. Quem sabe se esse diripido não seria um excelente sold.º e um bom cidadão?

Fevereiro: 28.

Ontem, audiências movimentadas que fizeraem com que viessemos no comboio da noite e chegassemos a casa ás 2 h. da madrugada de hoje.

O prim.º réu (o 13.º de serie) era um sold.º de Infant.º, rapaz de 24 anos, tipo leiro, boa presença, manual. Acurado de deserção, extravio de artigos, furto a um civil e fuga da cadeia. Já foi condenado duas vezes em tribunais civis por furtos com arrombam.º, fuga de prisão, brigas, etc. Beirão de Vila da Igreja, com celho de Sátan. É dessembaçado, conhecido do ambiente, calejado já nos tribunais e fala com dessembaço, com certa ironia cívica que está em contradição com o ar simplorio q. apresenta. A sua maneira de responder faz desesperar o juiz auditor que saiu da sua natural gravid.º para dar murros na mesa e exigir mais respeito. Vivemos que



que responder a 25 quesitos; foi resposta difícil que demos com o maior cuidado e com a maior jurid. Foi condenado pela desercão e extrairio de arbijos; o resto não se prova.

O segundo réu (o 14.º da serie) era um 1.º cabo de baçadores; 19 anos, quasi imberbe, elegante, simpatico, um tanto ou quanto "Don Juan", de costureiritas. Accusado de desflorar uma rapariga de 17 anos, de Tomar — com quem casou já. Pessão secreta, por consequencia. Da pessão pareceu concluir-se que os dois se envolveram em brincadeira; da brincadeira passou o caso a certo calor e entusiasmo e daí a desfloração. Afirmação, duas creanças, ele da Marinha-Grande, ela de Tomar. Foi condenado em prisão maior celular e um conto de reis, de dote, para ela. Pensa suspenso durante 5 anos.

. . . Para ele saber que se não brinca com o fogo . . .

Março: 4.

Outrem, nova audiencia e, desta vez, com a novidade de aparecer um advogado civil. Foi o caso dum sold.º da Guarda Nacional Republicana (o 15.º da serie) q.



era acusado de se envolver em desordem e desrespeitar um 2.º sargento referido dono de uma taberna no Carregal do Sal. O sold. é de tipo manual, beirão de Seia, alto, moreno, mas com má cara; fala com desambaraço, mas respeitoso, de maneira que se percebe trazer o recado estudado. Antecedentes ruins, deixou-me a impressão de q. não é boa rez. Foi condenado depois de quasi duas horas de discussão na sala do júri onde vi, pela prim. vez as opiniões divididas; tive de me valer das minhas habilid. para conciliar tudo e para que as respostas fossem dadas por unanimidade.

O advogado, dr. Francisco Teles d'Almeida é rapaz novo, cara rapada, cabelo corado lançado p. traz e que, segundo a opinião do juiz auditor, é o mais inteligente e culto advogado da comarca. É fluente, tem gestos solerios; parece q. procura influir no auditorio pela maneira branda de falar, quasi peripica. Achei-o simpático e gostei de o ouvir.

O segundo réu (o 16.º da serie) era soldado da aviação em Paucos; não compareceu a recrutar em 1924 e quando, no ano seguinte, devia comparecer p.º novo período de instrução, não appareceu. Desertar



por consequencia. Rapaz forte, expressão dura; natural de Terras Novas; altitude firmada, nervosa, commoção visivel que explodiu ao dizer q. era casado e tinha filhos. Solucou abertam.<sup>te</sup> mas de fazer q. que deixou certas duvidas acerca da sinceridade do choro. Enfim, miserias.

Já respondera em tribunal civil e condemnado por bripa. Meu desgraçado como os outros. Euari foi absolvido: apenas levou 15 dias de prisão, o que correspondeu á libert.<sup>de</sup> Meu ovo por um real.

Março: 6.

Hoje, a 9.<sup>a</sup> audiencia, teve tres novidades: a primeira foi a presença de um juiz substituto, por motivo de doença do auditor. E' ele o dr. Silverio Alencar, rapaz quasi do meu tempo de Coimbra e actualm.<sup>te</sup> Conservador do Registo Predial em Vizeu — e por consequencia juiz substituto por obrigação. Pessoa grada na terra, já indigitado ministro da justiça em uma das muitas reconstituições da actual situação politica. Cretura ultra-conservadora, pessoa m.<sup>to</sup> bem educada, simpatica. Contrasta com o auditor.

Outra novid.<sup>e</sup> foi a do primeiro seu (o 17.<sup>o</sup> da serie) ser um invertido. Rapaz



moço, pálido, ar acretado; sold.º de engenheiro acusado de abandonar o seu posto de serviço em Paucos. Salvo de Louza de Cima (Loures) mas sem o tipo da região; de certo produto cruzado de várias legem resceúcias. Explica a deserção por medo de ser preso quando lhe disseram q. eram conhecidos os seus vícios contra-natura a que ele chamou «homo-oxidacão» (sic). Mais um desgraçado, quem sabe se vítima do sangue e do ambiente propício ao desenvolvimento das tendências.

A terceira movid.º foi a do segundo réu (o 18.º da serie) sem civil acusado de uso de arma do exercito. Era um caixeiro de Lisboa, natural de Pedrouços, rapaz de 21 annos, acusado de ter em seu poder uma pistola Savage em uso no exercito, que ele disse ter achado no Parque Eduardo VII depois da revolta de Fevereiro de 1927. Necessidades da vida levaram-no a Pombal onde pretendia vender a pistola, não só para se desfazer dela como para fazer dinheiro; porém, o homem a quem ele se dirigiu foi logo denunciado e as duas testemun.º de accusacão q. ha no processo são os dois soldados da Guarda Nacional Republicana que o prenderam a seguir á denuncia!



Quando o júri reuniu para este requerido caso, notei como os oficiais que o constituíam se sentem agarrados á dita dura como pedra a rochedo. Viam no rei um autêntico e facinoroso "evolucionario civil," e aquella pistola seria instrumento de tremendos crimes futuros... O caixeiro de Lisboa era quasi simbolo de tempos ominosos, quasi malfeitor, etc. etc.

Tive de fazer, maisam.te, o possível para os convencer do contrario; mostrar-lhes que a lei q. regula o assunto era uma lei politica, que não se provava nada de máu contra o homem, que a pistola tanto podia servir para o mal como p. o bem, etc. etc. — e por aí fóra, confar-me podia.

O capitão Gonçalves, de Cavalaria, do regimento de Nelas, foi o primeiro a concordar; depois o José de Guimarães Bischoff; mas o Ant.º Azevedo Correia da Cruz estava agarrado ao facto de o rapaz possuir uma arma que, mesmo antes da ditada não podia possuir — e isso era, para ele, motivo necessario de condemnação. E quando este, por fim, se deu por vencido, ficou o tenente Azevedo Castelo- Branco, fidalgo de brasaço no auel e de mais a mais da Beira que falava alto e com o



maior desfofuro contra "toda essa cana-  
lha de Lisboa", e quasi accusava o rapaz de  
detentor de bombas e gazes asfixiantes...

Foi o ultimo que se submeteu para  
nao destoar dos outros; mas ~~seguiu~~ de-  
veria ter estado me.<sup>to</sup> a dizer que absol-  
via tal laudido...

Mas, enfim, triunfou a razão e dé-  
mos o facto como nao provado. O juiz  
olhou, com rapido olhar de espanto, no  
momento em que lhe disse q. o absolvir-  
mos. Calcularia ele, no seu conserva-  
tismo reaccionario, que nós pediriamos  
as penas severas ou mesmo brutais da  
lei para aquelle pobre diabo, vittima de de-  
nuencia tao réles?

E para terminar: a quarta novidade.  
A sessão terminou ás 14 h. e 30 m. Este  
juiz intêrino faz sentenças relampagos;  
o auditor leva sempre muito mais tem-  
po.

Março: 10.

Decima audiencia e de novo com o  
juiz substituto, Dr. Silveiro Alencar,  
o que equivale a dizer q. a sessão termi-  
nou cedo.

O primeiro réu (o 19.<sup>o</sup> da serie) era  
outro civil acusado de possuir uma pis-



Vota Sauvage. Tipo de homem do campo, pequeno propriet.º de Arzede (Cantanhede); magro, macilento, cara de doente. A pistola appareceu num sítio, escon-  
drada por um grupo de crianças; mas foi logo "voz publica", que ela era do acusado. Misérias da aldeia, malquerenças de vizinhos; ninguém viu a pistola na posse do réu — mas todos ouviram a "voz publica"... E' claro, foi absolvido.

O outro acusado (o 20.º da serie) era sold.º da administração militar, do Grupo n.º 2, de Coimbra. Rapaz de Torim do Meio, freguesia dos Olivais. Tipo desempenado, bem fardado, bem barbeado; ar desembra-  
raçado, mas maneiras e mas falas. Acusa-  
do de briga no Cyparejo e de ter, com uma pedra, aberto a cabeça a um rapaz do Chão do Bispo e de tal forma que o ferido foi três  
pauzados e esteve seis meses impossibilita-  
do de trabalho. Oriçou do conflito: o etér-  
no feminino. As testemunhas quer as de  
defesa quer as de accusação dão o rapaz co-  
mo tripão e provocador. Foi condemnado  
— mas como tinha o seu espirito-paulo  
de arelha, recorreu da sentença. Quêstas  
de protecções no Tribunal superior leva-  
ria o rapaz a recorrer.



Março: 13.

A audiência de hoje, a que já compareceu o auditor, abarrecou-me muito. O júri também me abarrecou. Seria má disposição da m.<sup>a</sup> parte? Umas ou duas audiências como a de hoje e tratarei de me afastar por qualquer modo. Serviço ingrato e levado dos diabos!

O prim.<sup>o</sup> réu (o 21.<sup>o</sup> da serie) era ferreitor de Anteharia, homem de 38 anos, acusado de deserção e extraviado de artigos. Tipo estranho, olhos oblíquos e tipo de pedoso, a mesopolica; mas o perfil era bastante accentuado, arfuloso, craves de freemido. Não sei o q. um antropologista diria a este estranho exemplar. Creatura com máis precedentes; foi julgado no tribunal civil de Santarem por furto e com a folha do serv.<sup>o</sup> militar cheia de multas e variados castigos: furtos, ausencias, faltas ao serviço, etc. Ribatejano de Santarem; um desgraçado, quasi um farrapo.

O segundo (o 22.<sup>o</sup> da serie) era soldado do Grupo de Metahad.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 2 acusado de offensas corporais em um civil. Rapaz de tipo merenal, bem fardado, boa disposição. Natural de Castro Daire onde se deu o incidente. Negou a accusação com firmeza e naturalidade; e na verdade o processo



é uma amalgama de contradições. O ho-  
mem tem q. ser absoluto.

Março: 17.

Depois de assistir, ontem, em Vizeu,  
à representação da farsa Boa noite, Senhor  
Borges em que é principal actor o Vasco  
Ferreira — fui hoje, bem disposto com a  
serie de folias representadas, para a 12.<sup>a</sup>  
audiencia. O mesmo scenario. Apenas  
no auditorio o visconde de Busto com a  
esposa e uma sobrinha que iam assistir  
ao julgamento. Bem afilhado, davam certa no-  
va differente.

Este afilhado era o 23.<sup>o</sup> da serie, um pol-  
dado de Benef.<sup>o</sup> de Saude de Coimbra, acusa-  
do de desercção por se não apresentar a  
uma convocação extraordinaria como li-  
cenciado. Rapaz ruivado, reforçado, tipo  
mural; certo ar espantado, e acanhado  
na maneira de falar. Explica a falta por  
ter ido p.<sup>o</sup> Lisboa procurar trabalho e não  
the chegar lá a noticia da convocação. Foi  
absolvido como os outros em iguais ou  
idebicas circunstancias.

Movimentaram-se pedidos p.<sup>o</sup> este caso;  
p.<sup>o</sup> mim foi o coronel-medico Flaminio de  
Azevedo. E o juiz auditor foi com certa  
apertado por p.<sup>o</sup> tratou muito bem o meu e



desfer-se em atenções para com o ar. vis-  
conde — o qual visconde é irmão do au-  
têntico juiz auditor do Tribunal.

Tragédias humanas.

O outro réu (o 24.º da serie) foi o me-  
lhor da festa. Solt.º referiu a sua virtude  
de gases asfixiantes absorvidos na guerra  
e de ficar debaixo dum abrigo numa oca-  
são de bombardeamento; 37 annos, natu-  
ral de Silvalde, conc.º da Feira, mas resi-  
dente, actualm.º, na Arrifama de Poiares.  
Mau tipo, um tanto ou quanto anormal;  
falador, procura palavras difíceis e confes-  
sa mesmo que tem genio irascivel e é  
violento. accusado de ter de mais, de  
bater na mulher a ponto de uma vez lhe  
quebrar uma costela; de proferir em pu-  
blico palavras desceias e em especial de-  
ante das filhas e ás mães, até, dirigidas  
às filhas. Durante o julgam.º surgiu um  
estêndal de misérias: o alcool e a malici-  
drice a fazeres das mães; o homem como  
vem, de referir, 400\$00 mensais, dedica-  
re ao vinho e diz que o trabalho é bom pa-  
ra os outros. Dapoi toda a desarmonia da  
familia, a paucadaria e as desceidades;  
dapoi a intervenções da vizinhança, as va-  
rias queixas á autênt.º, etc. etc. A sessão  
foi secreta porque tivemos de ouvir toda



a serie de descozidas que o homem  
houve por bem proferir.

Por fim, o rei pediu « perdão das  
suas culpas » como no Santo Officio; e  
querendo puxar a lagrima e palavras di-  
ficais disse que, depois que quebrou a cor-  
ta á mulher, deixára de beber e estava  
« degenerado ». O homem, com toda a cer-  
teza quereria dizer regenerado. Foi conde-  
nado em 3 meses de prisão, sentença de  
que recorreu no acto da leitura com pala-  
vreado que, de certo, lhe susinaram.

Março: 18.

Fui hoje receber os "coupons" do em-  
presbimo de 1923, 6½% annuo; na reparti-  
ção do "visto" estavam dois individuos mu-  
to dedicados á situação actual e falavam  
acerca da mesma.

Entre varias coisas, sem grande im-  
portancia, disseram q. o governo estava  
ao facto de todas as manobras revolucio-  
narias e que conhece bem os elementos  
suspeitos, etc. etc. E quando um deles per-  
guntou ao outro: « Evidao porque é que  
"nao se deita naõ dessa gente?" », ouvi a  
resposta, em voz baixa: « Bem nê que  
"nao é facil prender meus exercito..." » Eu  
fingi-me distraido; mas achei demais



a expressão. Meio exercito?... Não acredito. Creio que é ainda um pequeno militar que não concorda com a ditadura.

Pelo menos é o que dá a m.<sup>a</sup> observação. O resto deve ser retórica.

Março: 20.

Vizeu.

Fiquei em Vizeu porque a audiência terminou tarde. Foi a 13.<sup>a</sup> sessão. Eu não saí de serie por ser a decima-terceira q. saiu tão anormal?

Começou porque o secretario do Tribunal, um tenente do Secretariado Militar q. é um idiota, ignorante e me disse ser jornalista, appareceu com botas altas, novas, brilhantes, espantosas, de cabedal amarelo. Depois seguiu-se o incidente de o promotor protestar contra o facto de os dois réus comparecerem "à paisana" — o q. deu incidente bastante. E por fim, na reunião do jury, p.<sup>a</sup> a sentença do 2.<sup>o</sup> réu, eu exaltei-me com os officiais e disse coisas violentas que não deveria ter dito.

Influencia do n.<sup>o</sup> 13, sem duvida...

Vários por partes.

O 1.<sup>o</sup> réu, (o 25.<sup>o</sup> da serie) era um pobre rapaz, meio-carconado, turbeculoso,



ar um pouco de imbecil ; 32 anos , natural de Macieira de Cambra . Desertou em 1917 , levou alguns artigos e agravou a deserção com o facto de abandonar posto de serviço ; foi para o Brasil , trabalhou , morreu de yper e tuberculizou-se — e por fim resolveu vir morrer á terra ; ao chegar , porém , a Justiça tomou conta dele . A deserção foi abrangida por varias amnistias publicadas , mas o que o trouxe ao Tribunal foi o desvio dos artigos . Ficámos todos com dó do homem cuja fala era , até , bastante difficil ; o proprio juiz auditor pediu benevolencia — caso unico ! E realmente foi absolvido .

O segundo (o 26.º da serie : duas vezes treze ! ) foi um segundo carp.º reformado por motivo de castigos no Ultramar . Cara dura , com traços de energia ; 32 anos , natural de Mafarnade , conc.º de Gaia . Máis antecedentes , julgado já em Tribunal militar por desobediencia , mas absolvido . Acusado agora de , quando estava em Luanda , no deposito de degradados , ter bandido com um cavallo marinho num vadio degradado , no Tribunal Civil , com escandalo publico . Ele explicou com clareza , com certa dureza , até , como o caso foi : por qualquer circumstancia futil , cha-



meu o radio a um rio de esada para não ter testemunhas e ali o agradei e eu o cavallo marinho, á valentona, chamando a atenção do pessoal judiciario que veio acudir. Alegou em defesa que este procedimento é usado corrente em Africa: corrente e necessaria...

Ora na reunião do júri, os officiaes inclinaram-se á atenuante da pancada nos degredados ser necessaria e corrente. Eu protestei. O capitão de Caval.º e o Tenente Cast.º Branco disseram que todos faziam aguilos e quizeram meesmo explicar a necessid.º de tal tratamento. Eu então indignei-me, berrei, dei murros na mesa e eu pouco exaltado.

Os officiaes ficaram visivelmente admirados com a m.º exaltação — pois imbuídos no espirito de classe e, no momento actual, no da ditadura, achavam a coisa mais natural deste mundo. Disse-lhes q. não poderia admitir que a decisão do júri influenciasse a noção a Typa do capitão-mór e a noção de bandidismo com q. nós todos vamos para a Africa; e muito meesmo a desculpa de q. a Inglaterra e a França procedem pior do que nós. Quasi gritei coisas q. eles não são tão habituados a ouvir e que, diga-se de



passapasse, elles entraram por um suvi-  
do e saíram por outro.

Contudo, estou convencido de que con-  
seguirei evitar a absolvição do homem e de  
que conseguirei desviar o problema que o ju-  
ri queria resolver como de simples disci-  
plina. Queriam armar a violencia em  
sistema; a paucadaria com cavallo mari-  
nho como processo para resolver tudo... etc.  
etc. Não vale a pena comentar.

Março: 22.

Coimbra.

O Alameda Moreira tem-me encontra-  
do em Vizeu e faz de conta q. me não co-  
nhece... Anta-ontem, no Hotel, estive na  
sala com uns amigos e umas senhoras e  
teve a habilid. de fingir que me não viu.  
Resultado, certamente, da queixa que o  
Chaves Almeida fez ao Cons. Superior  
Judiciario, na qual o nome dele era visa-  
do como defensor do Ant. Viana. E deve  
ser assim porque o secretario do Conselho  
Sup. Judiciario é natural de Vizeu e de-  
via-lye ter dito o que houve. Isso é dos li-  
vros.

Miserias dos "grandes homens". Não  
se sente bem na m. presença. Antes assim.  
Sua alma, sua palma.



E já agora, duas anedotas para variar um pouco de assunto.

Contou-me o Dr. Joaquim de Carvalho no Museu Mach.º de Castro que ha uns dez annos, pouco mais ou menos, auiu uma conversação entre os professores universitários Eusebio Carnaghini e Egas Ferreira Pinto Bastos acerca das qualid.º que devia ter a creatura q. se propuzesse a leute da Universidade; e o Egas, além das qualid.º de intelligencia e saber, exipia que o candidato fosse capaz de pegar teiros... isto é, fosse homem valente, capaz de saltar para a cabeça dum boi.

Isto é exacto: pôde ficar p.º a História.

A outra anedota é de caracter politico. O Dr. Domingos Lara foi nomeado Director dos Serviços de assistência aos Tuberculosos; e o Diario de Coimbra trazia a noticia da nomeação de certa maneira insidiosa. Ora, afinal, o que foi?... Foi o Dr. Bissainha Barreto q. arranjou o cargo para o dar ao Lara sem que este o percebesse porque o Dr. Lopes de Carvalho é que o propoz e insistiu p.º que aceitasse. E porque? Porque o Dr. Domingos Lara tem combatido muito a politica do Bissainha Barreto e a sua obra a favor dos tuberculosos e diz deste colera e legartos. Parece tudo ser, pois, uma vin-



gauchasinha do dr. Bissais, feita, ná lá!  
com certa elegancia.

E o mais curioso é que o Domingos  
Lara accitou e vai tomar posse.

A noticia do Diario é esta:

### DR. DOMINGOS LARA

Foi nomeado director dos serviços Gerais de  
Assistência Nacional aos Tuberculosos, com a gra-  
tificação mensal de 1.800\$00, o senhor Dr. Domingos  
Lara, grande influente republicano do nosso meio  
e nosso presadissimo assinante.

Felicitamo-lo sinceramente pela merecida dis-  
tincção que acaba de lhe ser concedida pelo go-  
vêrno da Ditadura.

Como se vê, está feita com certa dose  
de veneno.

Coisas da vida.

Março : 24.

Hoje audiencia m.<sup>ta</sup> curta que deu azo  
a vir para casa no rapido.

O prim.<sup>o</sup> reu (o 2.<sup>o</sup> da serie) era um  
sold.<sup>o</sup> do regimento de Inf.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 2 accusado de  
desercção e extraneo de arbijos. A eterna  
desercção das fileiras que ele justifica com  
a frase "porque lhe deu na cabeça..." Ra-  
paz de 23 annos, de prep.<sup>o</sup> dos arbijos, de Lis-  
boa; sapateiro, tipo ~~comum~~ anormal,  
craneo disforme visto de frente, achatado  
entre duas linhas rectas no sentido ver-  
tical, com a linha dos olhos a meio da al-  
tura; o perfil não é irregular mas o



crâneos, para trás, tem protuberâncias  
exquisitas. Ueu desgraçado, afinal, que  
seria melhor entregue a exame medico-  
legal do que a este Tribunal. No entretan-  
to deu-me a impressão de que está conhe-  
cedor do ambiente e que quiz fazer-se  
passar por parvo.

Misérias.

O segundo reu (o 28.º da serie), solda-  
do licenciado que se não apresentou á cha-  
mada de 1927, ao tempo da revolta de Fe-  
vereiro no Porto. Rapaz de S. João de  
Arcias, conc.º de S.ª Comba-dão. Tipo nor-  
mal, falador, que deu boa impressão. Foi  
caso conhecido e fácil de resolver.

Março: 27.

Audiencia mensal. O primeiro reu  
(o 29.º da serie) era um sold.º artilheiro, de  
ruí cara, excessivam.º propuata, olhar  
torvo, gingão no andar. Mandou pedir  
p.º por condemnado para a Africa. Accusado  
de deserção e extravio de arbijos. Já fora  
condenado nos tribunais civis por duas  
vezes, no Porto, por furto e abuso de con-  
fiança. Aleitejano de Evora, 25 anos; fe-  
la com clara e conhecim.º dos termos ju-  
diciais; homem pratico nestas andan-  
ças desagradaveis.



O segundo réu (o 3º da serie) sobre  
leirões de Pensumacôr era um licenciado  
que não compareceu à chamada extrasi-  
dinaria q. o regimento fez. Tipo normal,  
nascido, 22 annos, ar firme, quasi infan-  
til, aspecto respeitadôr. Víctima do mau  
seu pessimo serviço dos regimentos e das  
administrações dos concellos. Absolvido.

E com esta audiencia se interrompe  
a serie para gozarmos as ferias da Pás-  
coa que, por superstição se chamam fe-  
rias judiciaes. O júri recolhe, pois, ás  
suas situações anteriores.

Março : 28.

Coimbra.

Dormi ontem em Vizeu e vim hoje  
de manhã pela linha do Vale do Vouga  
a Aveiro e daqui a Coimbra.

Seus tres horas se passaram mes-  
te trajecto ! Seu belera de caminho ! E  
que excelente que estava o dia !

Enfim, vá lá ! meu tudo é mau e  
feito neste mundo de realidades ...

Abril : 9.

Como está marcada p. amanhã mais  
audiencia no Tribunal fui ao Quartel-Ge-  
neral, ás 14 h. para receber a respectiva



quia. Fui prevenido de que as audiencias estavam suspensas até novo ordem, por causa da situação anormal creada pela revolta na ilha de Madeira.

Não percebi bem as razões apontadas mas, é claro, nada disse e voltei para casa. Reparei, contudo, que no Quartel General havia certa barafunda e certo ar de inquietação e de mistério.

Abril : 13.

Vai por aí grande barafunda por causa da revolta na Madeira. Boatos, rumores, confidencias, o diabo.

No Quartel-General ha uma guarda com metralhadoras; e ouvi dizer que, de vez em quando, mandam substituir a força por outra.

Recios de pouca firmeza?

Hoje, entre outros boatos, havia um curioso pela inumerosissima : que está manhã o quartel do batalhão de Metralhadoras esteve p.<sup>o</sup> ser assaltado por gente vinda de fóra, de colaboração com gente de dentro. Isto ás 9 h. da manhã!

Acho fantasia demasiada — mas ao mesmo tempo injeriosa. No entretanto isto quer dizer q. alguma coisa haverá que os incomoda.



Abril: 15.

Dizem os jornais que em Espanha  
foi proclamada a Republica, autem.

O rei abandonou o país entregando  
os poderes, etc. etc.

Que sejam felizes.

Abril: 20.

Por esse país fora, tem havido mos-  
quitos por cardas. Revoltas, prevenções,  
concentrações, o demonio!

Hoje, na Universid.<sup>a</sup>, os rapazes  
correram á batata o dr. Ferras Vital; e a  
coisa foi a tal ponto que o reitor teve que  
chamar o command.<sup>te</sup> da policia para o  
protejer á saída da aula e da propria  
Universid.<sup>a</sup> E depois de os rapazes sai-  
rarem em manifestação, o reitor requisi-  
vou forças policiaes.

Realmente, quando ás 14 h. fui co-  
mo de costume p.<sup>o</sup> o Arquivo universita-  
rio, vi grande quantid.<sup>e</sup> de policia arma-  
da de espingarda, no Pátio da Universid.<sup>a</sup>  
tomando posições. Creio que nesto, o dr.  
Carrisso não deu certo e teria desgostado  
os rapazes.

Vi passar a manifestação de acadé-  
micos, pela Avenida Sá de Bandeira, re-



riam M. R. e meia — estava eu na Associação Commercial a visitar a exposição de quadros do pintor Fausto Gaudes. Ao ouvir a algazarra dirigi-me ás janelas com o pintor e vi o regate de rapazes descendo a Av. Rida, com uma bandeira nacional enrolada em répes e aos vivas "à Republica" e quaisquer outros que não conseguí entender.

Ao nosso lado appareceu o Brito e Cunha, professor de desenho da Universidade, creatura extremam.<sup>te</sup> reaccionaria; quando ouviu distintamente aclamar a Republica disse com ar sarcastico:

— Viva a Republica! e' claro! nem podia deixar de ser . . .

Ao que, do outro lado, o P.<sup>o</sup> Estrela, juiz de Santo Antonio dos Olivais, tambem chegado no momento acrescentou:

— O que elles não querem e' estudar!

E aqui está como se commentou a manifestação.

Ouvi depois dizer que nas ruas da cidade baixa houve prauchada da policia perante os gritos de "abaixo a ditadura!" e que foi encerrado o café de Brasileira por que foi nessa altura que a manifestação augmentou e se tornou intensa. Gritaria de rapazes que não deve durar mais



to; teve a alma perto da boca e o entusiasmo pouco duradouro.

Entim, veremos.

x

Os jornais do dia 17 fizeram a reprodução de uma gravura dos jornais es-



Os dois ministros do Governo Provisorio, Marcelino Domingo (à esquerda), e Indalecio Prieto (à direita), na «gare» de Orsay, em Paris, com o sr. dr. Alonso Costa, no momento da sua saída para Madrid



pauleis em que figura o dr. Afonso Costa e que tem feito rabiar os monarchicos segundo parece.

Leu-lrei-me de a arguinar por alguns curiosid<sup>es</sup>. Os monarchicos e os honreiros da situação tiram desta gravura certas conclusões curiosas relativas á falta de patriotismo do dr. Afonso Costa.

ahi fica p.<sup>o</sup> lembrança.

Abril: 22

Vim a saber em relação ao q. contei no dia 20 do corrente, que o dr. Luis Carrico não requisitou a policia p.<sup>o</sup> a Universidade. Parece q. alguém a requisitou sem o conhecimento da reitoria.

Ha certo mysterio em tudo isto.

Abril: 30

Acabou-se hoje o quadrimestre judicial e não voltei a Vizeu. Disseram-me no G.<sup>o</sup> General que o motivo da suspensão das audiencias foi o de não quererem o Car.<sup>o</sup> Joaquim Torres, presidente do Tribunal, afastado da Pauprithosa — para o que deesse e viesse... Razões de estado.

Acabou-se, pois, a m.<sup>a</sup> deliberação no Tribunal. Por curiosid.<sup>e</sup> fica aqui a nota dos proventos que tirei com tais audencias:



Ajudas de custo - - -	2:123 #00
Despesas - - - - -	<u>1:029 #50</u>
	1:093 #50

É para ficar ainda para lembrança, direi que tive mais dois pedidos de benevolência além dos que atrás mencionei: um do coronel de Engenharia, meu contemporâneo na Escola José Celestino Têgalos e outro do António Placem de Melo (Tay), de Agueda. Estes pedidos eram relativos a dois accusados que não cheguei a julgar.

É ainda receti uma carta de um outro accusado que iria ser julgado em 10 do corrente mês; a carta vinha com preocupações literarias. Citado, outros o julgarão.

Mais: 7.

Estes ultimos acontecimentos que se deram na ilha da Madeira têm-me feito lembrar varias coisas — acerca das quais aqui vou deixar apenas um esmentario á accção da nossa aviação maritima.

Pelo tenente-aviador Adelino Mota, já falecido, sabia que havia um compromisso entre os officiais da aviação maritima para não entrarem em revoluções fossem de que natureza fossem e para, no caso de lhes ser ordenado o lançamento de bombas sobre quaisquer forças revolucionárias.



rias, elles disseram categoricamente que não.

Lembro-me, para provar esta informação, de que em 1919, quando foi da minha margem do Porto, o então 1.º tenente Santos Moreira que pilotava um hidro-avião de S. Jacinto (Aveiro) quando se lhe apresentou a ideia de lançar uma bomba sobre os centros de tropas monarchicas, elle dissera claramente que não — possivelmente em harmonia com o facto já nesse altura feito.

Lidei com esse official de marinha, nesse tempo: homem baixo, ligeiramente atarracado, vivo, ar desembaraçado e com certo prestígio na aviação. Impunha simpatia e confiança.

Agora, parem, a aviação maritima lançou muitas bombas sobre a Madeira; um diario dum official de tropas "fideis" publicado no Primeiro de Janeiro diz até: «a nossa querida aviação, a luz dos nossos olhos, etc. etc.»

Declarar-se - is o facto firmado?

Paralelamente a este facto cuja contradição com o afirmado pelo Adelino Mota julgo digno de noticia, ocorre-me um outro que tambem julgo merecedor de ligeira noticia.



Este Santos Moreira, aiudo 1.<sup>o</sup> tenente, ha bastantes annos, teve qualq.ue questionavel com o então ministro de Marinha (creio que o Pereira de Silva) de que resultou o ser castigado. Como resposta á punição pediu a licença illimitada ou a demissão de official — não sei bem, e foi negociar para o Porto onde é socio duma industria e dum estabelecimento commercial.

Ora ha coisa de uns 6 mezes, creio eu, voltou ao serviço; e esta gente q. agora ainda não só lhe aceita o regresso como lhe deu a pena dos vencimentos que deixou de receber enquanto andou por fóra — qualq.ue coisa como cento e tantos contos, nem mais nem menos.

E para concluir: este mesmo Santos Moreira foi o chefe da aviação maritima que combateu os revoltosos da Madeira e por consequencia dos aviões que lançaram bombas sobre as tropas revolucionarias...

Tudo isto se presta a varias considerações que poderia aqui deixar se não tivesse receio de me exceder. Ficam, porém, as noticias simplesmente; e quem quizer, q. faça as considerações que entender por bem. Bem calo - me.



Mais : 16.

Deixo arquivado um discurso feito por um meu contemporâneo da Escola do Exército, Aires de Morais — para uma futura autópsia da ditadura militar. Fica sem qualquer comentário para não perder o saber...

É necessário apenas explicar que o caso passou-se no Porto, no regresso das tropas que foram combater a revolta na ilha de Madeira. <sup>(1)</sup>

Mais : 25.

Os jornais de hoje trazem notícias circunstanciadas da manifestação que os ditadores promoveram entre em Lisboa — da qual foi centro o general Carmona.

De tudo, o que notei como digno de nota, foi a colaboração dos estudantes das três universidades que se intitulam racionalistas — enfemismo de integracionistas. Segundo os relatos, os rapazes esforçaram-se por dar vivas á ditadura e murras á Maçonaria, aos traidores de Paris e ajuda á união ibérica; e no seu entusiasmo foram fazer uma manifestação

<sup>(1)</sup> Ver adiante, a pag. 326



á policia da "informação", e á embaixada ou legação italiana vitoreando o fascismo; e p.<sup>o</sup> fecharam com chave de ouro foram des-  
 tirar a redacção e parte da tipografia do jor-  
 nal A Republica, unico jornal republica-  
 no que actualmente se publica.

Isto é o que eu acho importante e in-  
 teressante na manifestação de ontem.

O resto nada vale.

Mais: 26.

Hoje, o dr. Vergilio Correia contou que  
 passando no Rossio, em Lisboa, no domín-  
 go, á hora a q. a manifestação dos estudan-  
 tes estava no seu auge, viu estes dois casos  
 curiosos:

a) os rapazes juntaram quantos jar-  
 mais espanhóis havia pelas portas das taba-  
 carias e quiosques e queimaram-nos no  
 meio de alarido e alegria — evocando os  
 velhos autos-de-fe;

b) agrediram um cidadão qualquer que  
 lia um jornal espanhol e que o não quiz  
 largar para a fogueira; o qual cidadão era  
 um espanhol que se indignou com a vio-  
 lencia e que ameaçou queixar-se á em-  
 baixada do seu país.

Entusiasmos juvenis de patriotas  
 q. a policia fingiu não ver.



Julho: 16.

Miranda do Corvo.

Neste possêgo ainda estou há uns dias, quero lembrar coisas anteriores da vida, mas quasi não posso.

A tranquillid.º desta paisagem é uma verdad.º calmanate.

x

Deixei os jornaes Kraziam os discursos de abertura das Constituintes republicanas em Espanha; Alcalá Zamora, no discurso official teve uma frase formidavel que eu aqui quero arquivar:

« Entrepano-vos a livre do caudillesmo militar que era em Espanha o que se oppunha a toda a expansão liberal. Os militares são desnecessarios como protectores e, como dominadores, impossiveis. (Grandes ovacões). »

Perfeito. Não se pôde dizer melhor.

Setembro: 2

Caldelas.

Aqui estou há uns dias na calma tão apetecida há onze meses. Não sei o q. há neste ambiente q. me deixa indiferente a tudo o que vai por esse mundo.

Seria bom viver por aqui e deixar correr tudo é revellia?



Fico-me ás vezes a pensar que poderia isso ser a felicidade...

Ha dias nova revolta contra a ditadura militar; e essa revolta que foi violenta e em q. foram chefes alguns ~~meus~~ meus condiscipulos e amigos — parece que me deixou indiferente. Este Caldeas tem o seu quê de amotecedor de reações...

Li um jornal apenas, dois dias depois e não senti desejo de ler mais. E' este ambiente, esta grande paisagem que nos amolece de todo?

Hoje, é que a minha atenção foi apenas atraída por uma nota officiosa do Governo que anuncia, como é natural, repressão; e nessa nota fixei uma frase que é lafriadar:

« Sendo a ditadura um regime de honesta legalidade... »

E com esta leitura, termino a leitura das grossas sobre a revolta.

A paisagem é tão doce! O ambiente é tão aticiadôr! A paz tão completa!

Viver aqui com simplicidade e esperar a morte neste vale tão verde, não seria bom?

Eu sei lá o que é bom nesta vida!



Seteúlers: 29.

Paz, Mafra.

Ha uns oito dias aqui, neste retiro  
 eu q. o nome supaus um pouco...  
 Sofri a minha "crise das aguas", com  
 dois dias de cama, mas passou.

Compra-se o possêgo dos vinte dias  
 de Caldelas com dois dias de cama.

Tanta coisa p. registrar neste papel de  
 ha uns mezes para cá — e eu sem quasi  
 saber escrever!

Só cumpo ler litteratura tipica, co-  
 mo quem não quer caçar os miolos  
 com leitura passada de mais.

Defesa natural...

Novembro: 5.

Coimbra.

De novo em Coimbra — ai de mim!

Hoje o dr. Joaquim de Carvalho, na  
 Imprensa da Univ. de Coimbra, onde fui com-  
 prar uns livros, convidou-me p. ser  
 um dos organizadores da edição dos Pa-  
 peis relativos á Guerra da Restauração e  
 Independencia de Portugal com q. ele de-  
 seja comemorar o 3.º centen.º de 1640.

Já em tempos me falára no assun-  
 to, mas como é pessoa que pensa tres ve-



xeo ao dia e se erguece au mundo de ofri-  
mião outras tantas vezes, eu não mais  
me importo com o caso.

Agora, será a serio? Ele sempre  
me pare proxima interuesta.

Vamos a ver.

Novembro: 20.

Ante ontem lá abrimos mais um  
ano (o 8.º! parece improvável) da Univer-  
sidade Livre.

La fiz o meu discurso de abertura,  
cheio de alcações, proprio para a situação  
actual e p.º os merinos integralistas q.  
sempre não esfriar o que lá se passa.

Depois falaram o Alvaro Viana de  
Lemos e o Tomás de Figueira, no mesmo  
tom. E no fim o licenciado Adesdado Bar-  
reto deu um pequeno discurso, muito  
interessante e muito literario.

Parece que caíram bem as nossas  
afirmações de tolerancia; o ambiente é  
favoravel. Vamos a ver. Os jornais fo-  
ram amaveis. Guardo aqui a noticia  
do Diario de Coimbra que parece querer  
chepar-se p.º nós... Os outros jornais  
afirmaram pelo mesmo diapasão: ama-  
veis mas, á cautela, sem exageros e  
prometedoras.



Mas o que vale a pena notar e veri-  
ficar é como durante sete anos conse-  
guimos manter aberta, sem novidade,  
apesar de toda a guerra surda e ás claras,  
a instituição liberal q. nunca deixou de  
ser e continuará a ser.

Tirado o caso da conferencia do Brito  
Carnacho em Janeiro de 1930 a que aqui  
me referi, não houve qualquer entrada e  
mesmo ~~mesmo~~ o contratempo resul-  
tante daquela conferencia ficou apenas, co-  
mo se viu, nas ameaças.

Este ano lectivo, queremos ver se  
se consegue alguma coisa de effeito. Já  
a prox.<sup>a</sup> conferencia deve chamar a aten-  
ção com o auto e piano, além de projec-  
ções; trata-se de descrições e evocações de  
Traz-os-Montes feitas pelo bach.<sup>al</sup> José Via-  
na, transmontano entusiasta segundo  
parece.

Daquelle a noticia tirada do Diario  
de Coimbra, do seu n.<sup>o</sup> de ontem:

## Universidade Livre

Como havíamos noticiado realizou-se, ontem,  
na respectiva sede, na Torre de Almedina, a abertu-  
ra do ano cultural da Universidade Livre.

Na sessão inaugural, que resultou brilhantís-  
sima em virtude das pessoas que nela tomaram  
parte, usaram da palavra os srs. tenente-coronel  
Bellsário Pimenta, Alvaro Viana de Lemos, Tomaz  
da Fonseca e dr. Adeodato Barreto, tendo todos  
feito referência à obra até agora realizada pela



Universidade Livre e exortando os estudiosos a cooperar na tarefa assás patriótica que aquela prestimosíssima instituição se propõe realizar em favor da cultura popular.

Todos fizeram ressaltar a necessidade que existe de que a missão da Universidade Livre seja divulgada, compreendida e auxiliada por todas as pessoas que reconhecem a necessidade de se promover a educação do povo.

Iniciou, pois, a Universidade Livre uma nova etapa na sua vida de utilíssimo labôr cultural. Recomeçou ontem a sua actividade em favor da divulgação dos multiplos conhecimentos do saber humano, em beneficio da cultura do nosso povo.

Bom será que todos que tenham a nitida compreensão da utilidade da existência da Universidade Livre a auxiliem cooperando activamente nas suas realizações ou concorrendo para a expansão das suas iniciativas.

Novembro: 26.

Ha dias houve aí uma busca ás livrarias feita pela policia "da informação", da qual resultou a apreenderem diversas e muitas centenas de livros.

Diziam os homens que a ordem era geral contra os livros de caracter social e em especial contra os que falassem por qualquer forma, da Russia.

Contudo apreenderam, por ex.<sup>o</sup>, todo o fundo da edição de Questões Brasileiras, de Brito Camacho; de Tolerancia de Aragão e Melo, official de marinha; e outros livros de assuntos mais ou menos equivalentes. E para se ver o real do acto e de quem faz o serviço, leváram de uma livraria um exemplar de Psychologie des Jou-



les de Gustavo Lebon e quizeram levar  
tambem a edição dos Tremores de Terra de  
Paul Miraud, ~~em~~ volumezinho de vulga-  
rização científica.

Foi necessario explicar devidamente  
o que era o assunto p.<sup>a</sup> evitar mais essa  
saugria.

Tremores de Terra... Multidões...

Compreende-se bem até onde chega  
o medo.

Dezembro: 17.

Em 9 do corrente e ontem fiz, na Uni-  
versid.<sup>e</sup> Livre duas palestras acerca de ba-  
lathões academicos.

O meu plano era falar mais do au-  
sente academico do que enumerar e his-  
toriar propriamente as formações mili-  
tares dos estudantes. Mas é difficil regu-  
lar o assunto p.<sup>a</sup> certo espaço de tempo  
principalmente p.<sup>a</sup> quem não tem, como  
eu não tenho, hábitos de prelectar. E as-  
sim, a prim.<sup>a</sup> palestra, no dia 9, saiu  
talvez um pouco confusa, creio eu, com  
alguma falta de nexo até.

Ed de ontem, como ia já mais preve-  
nido, saiu melhor e fiquei mais satis-  
feito; creio mesmo q. o auditorio ficou  
melhor impressionado.



Fiz no final uma evocação a' Liberdade de ensino « reivindicação eterna e permanentemente » (frase de Sampaio Bruno) e acompanhiei-a dumha projecção dumha aguarela de Alberto de Sousa em que um estudante, de espiçarda na mão, é levado por figura alada, de barrete frigio.

Embora houvesse poucos gente no auditorio, os aplausos sentiram-se mais queentes e vibrantes — não de certo a mim, mas ao que a figura representava e possivelmente á intenção com que foi apresentada.

Foi um desabo...

No dia 10, no dia seguinte ao da primeira palestra, as duas luminarias da imprensa comimbricense falaram deste modo:

### "BATALHÕES ACADÉMICOS"

Sob o interessante titulo de « Batalhões Académicos », realizou, ontem à noite, na séde da Universidade Livre, na Torre de Almedina, uma conferência o sr. tenente-coronel Belisário Pimenta, illustre presidente daquele prestimoso Instituto de cultura popular.

A conferência que foi brilhantissima sob todos os aspectos, cheia de evocações do passado e repleta de descrições da tradição académica, mereceu por parte do público que enchia por completo a sala, o melhor interesse, tendo no final o illustre conferente merecido calorosas palmas e saudações por parte da maioria das pessoas que assistiram à sua magnífica dissertação.

(Do Diario de Coimbra).



## Universidade Livre

Na sede da Universidade Livre, á Torre de Almedina, e perante numerosa assistencia, realizou on-

tem uma conferencia, sob o t ma *Batath es Academicos*, c tenente-coronel sr. Belizário Pimenta.

A conferencia, interessante sob todos os pontos de vista, foi acompanhada de projec es.

(Da Gazeta de Coimbra).

Mas o mais curioso   que hoje nem um nem outro disseram uma palavra... ber-se-iam referido   evoca o final a' Liberdade e a censura entenderem que devia contar a noticia?

  possivel.

Dezembro: 19.

Ha dias encontrei o dr. Clemente Falcão o velho e respeitavel republicano de Miranda do Corvo, medico distinto e homem de caracter que eu sempre respeitei pela sua integridade e intransigencia.

Falou-me acerca de qualquer occorrenca e disse-me ele que pouco sabia do que ia pelo mundo porque não l a A Voz unico jornal que lhe entrava em casa e que, mesmo assim, nem sempre l a.

Tem creio que ao ouvir isto não dei qual-quer sinal de estranheza, mas confesso q. fiquei profundamente emocionado.

O dr. Clemente Falcão não l a A Voz do Fernando de Sousa, e disse-me isso



com um ar muito claro e muito esvaziado ! como se fosse a coisa mais natural deste mundo !

Como o tempo muda os homens e que mudanças os homens fazem ! Com franqueza, não percebi.

Andei o dia inteiro a pensar no caso e não me conformei.

O que teria havido naquella cerebração tão brilhante, naquella intelligencia tão objectiva ?

Dezembro : 20.

Ha tempo, o Victorino Demeris que se prepara para o doutoramento em Letras, disse-me que estava a preparar a sua dissertação acerca de Alexandre Herculano e pediu-me para eu lhe dar uma ou outra indicação de fontes onde estudar o assunto.

Disse-lhe que sim — e fui ver os volumes respectivos : havia neles grande quantidade de fontes. E como elle, Demeris e a mulher têm delirado na minha poltrona gressa fazendo, até, um pouco de troça do que elles chamam a m.<sup>a</sup> cultura e a minha erudição — resolvi dar-lhe todas as notas que tinha pois o obrigaria assim, naturalmente, a dar a saber e



possivelmente a conseguir na obra o auxílio que lhe dera.

Mau dito, meu feito.

Ontem estive cá em casa. Mostrei-lhe os manuscritos e desenvolvi-lhe a serie de nomes: Carrilo, Fialho, Barnalho Orbião, Eça de Queiroz, Oliv. Martins, Antero, etc. etc.; revistas, as melhores de ha 50 annos para cá; estrangeiros como Bossis, Meunier y Relais, Goucaud, Dias, etc. etc. — tudo com as indicações de paginas e capitulos, edições, etc. bem explicado.

Ele, ao começo interessado, deixou escapar a sua admiração e por fim, com gesto desalentado chegou a dizer:

— Não tenho direito a aceitar tanta coisa!

— Porque? perguntei eu.

— Porque esses elementos são de tal modo importantes que chegam a ser colaboração inbima... E eu não quero abusar da sua franqueza e da sua generosidade.

Tive a impressão de que ele recuava para me não ligar muito inbimamente á sua obra; e isso seria um pouco desairado para os seus livros de haueu de letras e de futuro professor universitario. Pensei rapidamente que seria estes escrúpulos que o fariam hesitar — e então resolvi



Rir uma vinhaçazinha e disse - lhe muito naturalmente mas a rir:

— O sr. Nemesio leva tudo isto e eu prometo guardar segredo...

Ele compreendeu muito bem a ironia e talvez percebesse a intenção de vinhaça; mas respondeu com ar calmo:

— Pois bem!... mas o sr. fica ligado á dissertação e eu tenho obrigação de o deixar consignado.

— Não é necessario, observei. Leria que não tenho ambições e muito menos literarias. Póde levar tudo e aproveitar o que lhe parecer.

Ele, depois de ver com atenção as indicações dos verbetes, disse com pausa:

— Isto altera-me um pouco o plano, vai até dar-me mais um capítulo que não entrava nele, o capítulo relativo ás opiniões dos homens de letras contemporaneos e posteriores a Placulano

— Ainda bem!... respondi. Para alguma coisa serviram as minhas leituras e o trabalho de compilar...

E com estes cumprimentos e ironias prometi a copia de todas as referencias e a de dois originaes: uma carta de Placulano (autographa) e outra de Paulo de Moraes p.<sup>o</sup> ele (copia).



deu a cabeça ou depois levar-lhe-sei tudo; e aqui está como ele se separou e veio a cair numa esparrela.

Vamos a ver o que ele fará depois.

Dezembro: 22.

No domingo passado veio a Coimbra o ministro do Interior. Esperava-se a vinda dele com curiosidade por se dizia q. no banquetê que a Câmara lhe oferecia se fariam afirmações políticas de importância e ao mesmo tempo o dr. Bissais Barreto daria a sua adesão á União Nacional.

No fim de contas, quanto a esta ultima parte, o Bissais Barreto ofereceu o seu concurso á ditadura mas não disse claramente que adería á União Nacional; fez um discurso muito mau mesmo, disse que sim mas que tambem — subor, de forma clara e categorica affirmasse que abandonava os seus antigos careerionarios políticos.

Foi esta a unica affirmação categorica. E a meu ver, que pode ser erroneo, fez uma triste figura...

E é pena.

A respeito das affirmações políticas tambem a expectativa ficou lograda; o ministro manteve a affirmação de que é



necessário crear um Estado Novo forte, que se oponha á tirania dum Estado fraco e teve duas frases q. aqui deixo registadas pelo seu valor:

« Não é o exercito que sustenta a ditadura com a força das suas espadas; é antes a ditadura que sustenta as gloriosas espadas... »

E outra:

« Se a Republica é indesejavel, muito bem; Patria, Republica e ditadura não a mesma coisa... »

Esta ultima é soberba. O haurem q. a propria bem se vê que professa altos principios...

Outro assunto:

Fui hoje ao Torim e falei com o Lourenço Chaves Almeida.

Encontrei-o me.<sup>to</sup> zangado porquê, segundo elle, o Tomas da Fonseca quer vender uma imagem gotica, do virgem beijada, que depositou no Museu Machado de Castro ha tempo e o Virpilio Corrêa não se opõe e, até, pelo contrario, autoriza. Quer fazer questão do caso e até "levantar escandalo..."

Ora isto incomodou-me porque não só acho o caso (a ser vert.) um pouco exquisito da parte dos dois, mas tambem



porque o Laureuço não gosta nada do Tomás e não vai muito com o Vergílio Correia e terá assim maneira de levantar uma questão que desprestigia o Conselho de Arte e Arqueologia (já há muito, aliás, bastante desprestigiado) e deixa ficar real deio vultos de certo nome e com certas responsabilidades.

Tentei acaluar o Laureuço de Almeida. Dei-lhe razão e prometi interessar-me pelo caso. E conseguí que, antes do proximo domingo ele não faça qualquer delinquência.

Outra trapalhada que se levanta e que eu não sei se conseguirei levar a bom termo ou pelo menos a termo razoavel.

Outro assunto ainda p.º acabar bem o dia...

Receti hoje um officio da Revista Militar com a comunicação de que ontém fui eleito socio da Empreza Revista Militar; o officio meu assinado pelo capitão-tenente Botelho de Sousa e cheio de expressões amáveis não sei se as usuais p.º tais casos se provocadas pelo Pires Monteiro.

É claro que isto é uma atenção que terei de considerar por meos atreito que seja, como realmente sou, e estas vaidades e capatelas. Amanhã responderei; a noite não é má caseira...



Dezembro: 23.

Lá vai resposta p.<sup>o</sup> a Revista Militar.  
O Pires Monteiro quer transformar a revista numa espécie de academia mas creio que o não conseguirá. Tirante uma coisa na meia-duzia, quais são os militares capazes de manter tal empresa?

Terfim, lá vai a carta:

« Lee.<sup>mo</sup> M. Cap. Tenente Botelho de Sousa:

" aturo a recepção do officio n.<sup>o</sup> 155/31 de 21  
" do corrente q. V... teve a atenção de me di-  
" rixir; e apresso-me a agradecer-me a su-  
" lida finura de comunicar ao Lee.<sup>mo</sup> General  
" João Martins de Carvalho e á Assembleia Ge-  
" ral da Empresa da R. M. o meu muito  
" sincero agradecim.<sup>to</sup> pela honra com que  
" me distinguiram e de qual me não julgo  
" merecedor. — Não tenho as qualid.<sup>es</sup> que  
" V... apontam e imaginam; mas o officio  
" meu em termos tão amáveis q. eu me  
" julgo obrigado a não deue recusar a  
" distincção conferida. — Dentro da minha  
" insignificancia procurarei o mais pos-  
" sivel corresponder á intenção de V...  
" com dedicação e leald.<sup>e</sup>. — Reservando os  
" meus agradecim.<sup>tos</sup> e afirmando a minha  
" muita consider.<sup>ão</sup>... etc. etc. »



Dezembro : 24, noite.

A igreja de S. Bento, afinal, sempre vai a terra. Isto lembrou-me agora, não sei porquê — talvez por ser noite de Natal...

O Dias Pereira levou a sua avante e lá vai desaparecer mais um monumento de raridade.

Puxando das notas do tempo em que fui presid.<sup>te</sup> do Cons.<sup>o</sup> de Arte e Arqueolopia, revejo como as coisas se passaram e aqui deixei mais ou menos descriptos os principais episódios no dia 31 de Agosto de 1928.<sup>(1)</sup>

Neste verão passado, o Dias Pereira e o actual reitor do Liceu, o dr. Arnaldo do Amaral Cabral conseguiram verba p.<sup>a</sup> começar a apurar a igreja, começando a obra pela capela-mór; e p.<sup>a</sup> tiveram por seu lado os clericais, entraram em negociações com a gente de Fatima p.<sup>a</sup> a mesma capela-mór ser colocada na basílica que lá andam a construir — e assim não só se não perdia a obra de arte como também teria destino que lhe daria certo nome... Compensar-se-ia assim, um pouco, a Car-

<sup>(1)</sup> Neste vol. a pag. 4-14.



baridade... E a obra começou a fazer-se sem barulho.

Porem, em 8 ou 9 deste mês, o professor da facult. de Letras João Providencia e Costa, foi a Lisboa e ao falar com o ministro mostrou estranheza pelo facto da demolição de obra tão notavel e parece que disse qualquer coisa acerca do seu valor. O ministro, amou seu nome e entendido e rigoroso, mostrou-se admirado e mandou logo ordem telegraphica p.<sup>a</sup> suspender a demolição.

Surpresa no Liceu!

Mas em 10, á tarde, no rapido, o Dias Pereira e o reitor partiram p.<sup>a</sup> Lisboa e lá foram mexer os cardelinhos e trazer á baila o parecer do Instituto, do q. tambem já falei atraz. O Dias Pereira o que quer é q. se não diga q. perdeu a sua importancia politica; mais monumento, menos monumento, isso não importa.

E nada mais sei.

Dezembro: 25.

Dize-me hoje o dr. xxxx que o ministro da Instrucção mandou uma circular a todos os estabelecimentos de ensino determinando que, quando tiverem que publicar qualquer anuncio, dos papos, fi-



zesseu sempre publicar com deles no jornal Diario da Manhã.

Este Diario é o órgão da actual ditadura que felizmente nos rege...

Dezembro: 26.

Fui entregar ao Vitorino Almeida a serie de notas bibliograficas que lhe prometteira acerca de Alexandre Herculano. Agradeceu muito e depois de uns momentos de silencio em q. parecia pensar, disse-me que os elementos bibliograficos eram tantos que estava resollido juntar ao livro um apendice bibliograf. com as m.<sup>as</sup> notas para que — acrescentar — embora se não utilize de todos os elementos dados, poderiam estes aproveitar a outros que se dedicassem ao estudo de Herculano.

Disse-me, de novo, que se não fosse eu fosse comigo; que aproveitasse o que quizesse e rasgasse o resto. Quiz-me parecer, pois, que, com o tempo, meditar sobre o caso e ainda a procurar maneira de mostrar ao respeitavel publico que os meus elementos lhe serviriam para pouco e simplesmente serve de intermediario para os estudiosos.

Será assim? Estes honreiros de letras valem um dinheirão.



Dezembro: 30.

No domingo passado, 27, fui ao Museu Machado de Castro encontrar-me com o Laurencos Chaves de Almeida para ver o que havia acerca do caso da estatua a que ha dias me referi.

Disse-me ele q. escrevera uma carta indignada ao Vergilio Correia — o que indicou que continha revilante. Fiz-lhe ver que devia temperar esse ardume; mostrei-lhe os perigos de levantar em publico uma questao dessas, a ameaca duma interdicaçao q. os honreiros da actual situacao militar aproveitariam para publicitar o Conselho de Arte por outro composto de cônegos e tenentes, o desprestigio q. todos nós que, alem de desprestigiados sairiamos sujeitos por força da maledicencia local, etc. etc.

A nada se moveu! E como um obstinado, repetia-me:

— A imperio não ha-de sair do Museu!

Ele tem razão; mas em tudo isto o que haverá além de razão?

E assim, vendo que nada conseguia, resolvi-me a procurar o dr. Alberto Cupertino Pessoa, presid.<sup>te</sup> do Conselho — a



quem expuz hoje o caso para o prevenir  
e para ver se, com o seu bom senso, ele  
saberia desviar os perigos.

Ao expor-lhe o assunto vi que ele,  
tão sereno sempre, de temperam.<sup>to</sup> tão cal-  
mo, e pronto sempre p.<sup>o</sup> encontrar o lado  
cómico das coisas, se irritou um pouco,  
teve um ou outro gesto denunciador de má  
disposição. Dominando-se, objectou:

— Bem! o homem quer tornar-se ce-  
lebre, pelos vistos. Pois que se torne cele-  
bre! Faz-se-lhe a vontade!...

Ponderei-lhe que as coisas não leua-  
ram esse caminho, que o escandalo não  
iria p.<sup>o</sup> o publico.

— Deixe-o ir p.<sup>o</sup> publico! continuou  
ele irritado. Eu bem sei quem é que es-  
creverá os papéis ao Alameda!...

— Quem é, doutor?

— É o João Gaspar Simões!

Fiquei um pouco aturdido...

Percebi, com as miúdas palavras e  
com o poder que teve em se dominar, o dr.  
Pessoa acalmou-se; e terminámos a con-  
versa por achar melhor esperar a vinda  
do Vergílio e ver o que este diria, ao certo,  
acerca do caso.

E despediu-se, já sereno, agradeceu-  
do o meu aviso.



O Gaspar Simões que o dr. Pessoa  
acuseu, é solteiro, por afimidade, de An-  
tonio Augusto Gonçalves; não gosta do To-  
más da Fonseca apesar deste se interessar  
pela sua situação em tempos, e também  
não gosta do Vergilio. Dá-se muito bem  
com o Laurencos de Almeida; e como este  
não sabe escrever, calculou o dr. Pessoa q.  
reja ele o autor das grossas accusatórias.

Calculou, se a afirmação q. o dr. Pessoa  
faz não tem qualquer base segura.

Ele vê-se tanta coisa!...



~ 1932 ~

Janeiro: 1

Começou o ano com temperatura mínima, no meu termómetro exterior, de 3,5 abaixo do zero.

De manhã, ás 9 h. ao levantar-me, accusava o mesmo termómetro ainda 1 grau abaixo do zero.

Segundo a tradição popular, pode dizer-se que o ano se anuncia frio — o que prognostica, certamente, pouco calor em Portugal.

Assim seja.

Janeiro: 3

Disse-me hoje o João Gaspar Simões que o Vergílio Barreira respondera ao Lourenço de Almeida sobre o caso da imagem gótica do Museu Mach.º do Castro. Dizia na carta que, segundo lhe parecia, não houvera oferta da imagem mas simplesmente deposito e que ele, Vergílio se esquecera de dar o documento respectivo ao Tomás da Fonseca. Contudo, quando regressasse veria o caso com todo o cui-



dado, etc. etc. Pelos vistos era uma carta habil que pode servir para todas as hipóteses.

São uns grandes ratões!

Mas ainda o Gaspar Simões me informou de mais: na carta, o Vergilio dizia ao Lourenço que preparasse o Gaspar Simões para receber a ordem de despedida de conservador do Museu porque não tinha verba para continuar a dar a gratificação que lhe dava (200/00 ou 250/00) a partir de 1 de Janeiro corrente.

Ora visto deve haver história...

O Museu tem verbas mais do que suficientes; o Vergilio é que não quer continuar a auxiliar o rapaz.

Enfim. Eu nada tenho com o assunto.

Janeiro: 4

Recebi ontem uma carta que muito me admirou. Era do general Vitoriano José Cesar, presidente da Comissão de História Militar, e agradecia-me os favores que lhe tenho dispensado e os serviços prestados á Comissão, bem como os trabalhos de história m.<sup>ar</sup> que tenho publicado. Anuncia-me a comunicação dum voto de louvor, etc. etc.

Fiquei admirado da carta e do teu



familiar e quasi submisso em que está escrita.

Parece que ele não tem o meu trabalho publicado ultimamente na Revista Militar em que lhe vou á mão em varias passagens, nem se lembrava de um dia de jrisão que me quiz dar em 1815...

Está velho e doente e quer reconciliar-se com todos. Antes assim.

Hoje recebi a comunicação official do voto de leuvar. Cá fica arquivada como deve ser.

Quandá responderei a tudo.

Janeiro : 5.

Veio hoje na Gazeta de Coimbra um artigo do Alvaro Viana de Leuvs relativo á igreja de S. Bento. Está bem feito, ponderado, judicioso. Não tem muita resposta mas os partidarios do Dias Pereira hão de rir-se á rucapa.

Não importa.

Janeiro : 8.

Hoje, novo officio da Revista Militar em que está agradece o em aceitar a eleição para socio da empresa e em que se manda a mandar um retrato para o "album de honra" e a escrever um artigo sobre qual-



quer assunto para ser publicado no n.º de Abril, na altura da ratificação da minha eleição.

Praxistas, como se vê.

É o Pires Mont.º, num cartão, deita foguetes e insinua para que o artigo seja sobre a influencia do estudo da historia na formação dos officiais.

É possível q. accite o alvitre. Pode incluir como barreões de filosofia e uma ou outra virada em latim — para enternecer os velhotes.

Válha - me o Supremo Architecto!

Janeiro: 10:

O reitor do Liceu José Falcão veio á estacada a propósito do artigo do Visconde de Lemos acerca da igreja de S. Bento. Perdeu a cabeça e escreveu o que a sua rainhasinha lhe ditou e o que lhe mandou o diao Pereira. Foi um prete como outro qualquer.

A resposta veio na Gazeta de Coimbra, de ontem, n.º 2832, e em art.º de fundo. Não o guardo porque não vale a pena. Cito apenas passagens interessantes:

«... mesmo que esta igreja fosse um  
"exemplar de valor architectonico muito  
"superior aquelle q. exageradamente lhe  
"atribuem os innumeros arqueologos e



"críticos de arte que pedulau em Coim-  
"lura ... »

« Quando tanto se exaltam o ar, a  
"luz e o sol... procurou-se... impedir a  
"remoção dum edificio inutil... »

« Viu-se o critério inteligente e justo  
"... »

« ... meu pai artista por temperamen-  
"to ou sequer ao menos por decreto... »

« ... afirmo que o valor artistico da  
"igreja de S. Bento está muito aquém daque-  
"le que lhe atribuem... »

Et. etc.

Vou lembrar ao Tomas da Fonseca uma  
conferencia na Univ. de Liège.

Janeiro: 12.

O dr. Rocha Brito ainda a fazer um  
trabalho sobre as gafarias e encontrou  
documentos em papelzinho no cartorio  
do Hospital da Univ. de Liège relativos á fun-  
dação e funcionamento da gafaria de  
Coimbra.

Diz que uns conseguem ler, mas eu  
tiro não. Veio bater-me á porta — e eu  
apesar de deshabituado ha anos á letra do  
sec.º XV, cá ainda a "traduzir-lhe" tres dos  
que ele não conseguiu decifrar. Terei até  
fazer-lhe uma revisão dos outros porque



ni que ele leu os documentos em poucos á lãa, e ao calhar.

O caso interessou-me.

Janeiro: 14.

Ontem lembrei ao Tomás da Fonseca a conferencia acerca da igreja de S. Bento. Achou bem e diz que vai pensar no assunto.

Lembrei-lhe tambem que a Univ. sid.<sup>e</sup> Livre deveria comemorar o 1.<sup>o</sup> centenario do cerco do Porto e ofereci-me para expôr numa confer.<sup>a</sup> o aspecto militar. Propuz os nomes do dr. Joaquim de Carvalho e do Vitorino Nemésio para fazerem uma especie de razão de ordem e encardirem o aspecto politico. Achou bem e tomou notas.

Lembrei ainda que se poderia dar noticia nos jornais p.<sup>o</sup> ficarmos com a prioridade da comemoração. Tambem achou bem a ideia e tanto ele como o Manuel Monteiro prometeram interessar a imprensa.

A conferencia do Quintanilha, ontem, na Univ. sid.<sup>e</sup> Livre foi, sem exagero, terrivel. Os graficos que apresentou, tremendos. As conclusões que tirou, irrespondiveis. Anunciou a queda da socie-



dade capitalista como quem anuncia  
uma cheia no Mondego...

O que diriam os conservadores que  
assistiam á conferência?

E o que é que virá, da parte das au-  
toridades?

Janairo: 16.

Nos jornais de hoje já vem a notícia  
da comemoração do cerco do Porto. Todas  
elas dizem o mesmo:

« Cerco do Porto. Comemorando o cem-  
" tesario do cerco do Porto, a Unversid<sup>d</sup>. Li-  
" vre vai promover uma serie de conferen-  
" cias p.<sup>a</sup> a realização das quais convidou va-  
" rias individualidades de destaque nos meios  
" liberais do país. »

Foi chapa entregue aos illustres jorna-  
listas. Vamos a ver se se começa em Maio  
conferencia a m.<sup>a</sup> profrota.

Quanto á igreja de S. Bento, o Visua  
de Leues lá respondeu ás considerações  
do reitor do Liceu ha dias referidas, em  
artigo saído ontem na Gazeta de Coimbra.  
E' artigo feito com seriedade, cortezia  
e bom humor. Tem até alguma graça.

Não dá nenhum resultado. Tem de se  
deixar correr tudo á vontade...



Janeiro: 17.

O caso da imagem da virgem que o Tommas da Fausca depositou no Museu e quiz vender ao Ernesto Vilheua, de Lisboa, está resolvido com a entrega que o director mandou fazer ao depositario.

Assim me disseram hoje o Chaves de Almeida e o Joao Gaspar Simões no Museu onde fui p.<sup>a</sup> saber o que havia.

O Almeida, mais franco, gesticulou e berrou; quer fazer um protesto perante o Conselho e outro nos jornais da terra; exaltado com a recusa do Tommas aos 500\$00 que o Virgilio Correia propoz, declarou que aquelle era, nem mais nem menos do que um pulha. Etc. etc.

Voltéi a martelar nos inconvenientes desse barulho, do mau resultado para o Conselho — afinal por uma coisa q. não tem a importancia que ele quer attribuir, etc. etc.

Creio, porém, que o não demoverei. E a bomba reventará com prejuizo para todos. Ha misto tudo raiva pessoal, e... pronto! Que fazer?

O silencio do Gaspar Simões perante toda a discussão e o seu ar sereno, quasi indifferente, fizeram-me lembrar



do que me disse o dr. Alberto Pessoa em  
30 de dezembro ultimo.

Será?

Janeiro: 17.

Tive ontem uma grande decepção...  
Recebi um officio do administrador da Re-  
vista Militar que me comunicava ter  
à m.<sup>a</sup> disposição a importancia da colabo-  
ração durante o anno de 1931; e pedia-me  
recibo ou « declaração de desistência a  
"favôr dos fundos da revista..." » Termi-  
nava o officio por indicar a importan-  
cia que eu tenho ao meu dispor: 70#80.

Setenta escudos e oitenta centavos!

Fiquei desolado.

Porque é que a Revista se não calou  
e não declarou que um trabalho daque-  
les valia apenas 70#80?!

O trabalho é a campanha de Mar-  
seus em Portugal. Capítulos de monogra-  
fia local, publicado nos 1.<sup>o</sup> numero do  
anno passado e eu estava convencido de  
que valia algumas centenas de escudos,  
pelo menos.

Antes ficasse na ignorancia de que  
obra de desasete ou de oito annos, com  
dados inéditos, rectificações importantes,  
investigações quasi exaustiva — valia



apenas a modica quantia de setenta es-  
cudos e oito tostões!

Miseria condição a do investigador,  
mesmo q. seja amador como eu!...  
Desgraçado exercito que tem um órgão  
quasi official que taxa assim os seus  
laboradores!

Enfim...

Lamentações?... Adeante. Mas o  
certo é que ontem tive um dia aborreci-  
do. Que diabo! porque não guardaram  
silencio?

Amanhã responderei desistindo dos  
honorarios.

Até menos... faço de generoso!

Janeiro: 19.

Ainda o caso da imagem do Museu.  
Falei hoje ao Tomas da Fausca e fez-  
the o caso com clareza e pedi-the para  
me responder tambem com clareza.

Disse-me ele que a imagem não  
era do Museu, mas sim dele e apenas  
depositada; que o Verpilio Correia enten-  
de não ter valor por aí alem; que ele,  
Tomas, conseguiu a imagem por troca  
com coisas repetidas que o Museu the  
daria mas nunca deu; que, como está  
sem o lugar de professor ha anno e tanto,



tem falta de dinheiro e ajouzei tem ven-  
de-la a uma creatura q. lhe ofereceu cer-  
ta quantia importante; que o Vergilio au-  
torizou tudo isso, etc. etc. E mostrou-se in-  
dignado contra o Lourenço de Alen.<sup>da</sup> que  
diz querer comprometê-lo por inbira-  
ção pessoal; que este alousou da sua com-  
petência não só não deixando sair a ima-  
gem do Museu como não consentindo que  
ele, Tomás, tirasse uma fotografia da mes-  
ma; que o vexou por intermedio dos em-  
pregados que se viram obrigados a comu-  
nicar-lhe as ardeus recebidas; que pos-  
sivelmente levará o caso ao Conselho  
na prim.<sup>a</sup> reunião, etc. etc.

Não me deu novidades com a sua  
exposição e na verd.<sup>de</sup> parece que o Lou-  
renço quer comprometer o Tomás — e  
disso resulta porcaria p.<sup>a</sup> todos.

Parei um ultimatum ao Lourenço?  
Dará resultado?

Janeiro: 28.

No ultimo domingo, 24, houve reu-  
nião do Conselho de Arte. Não fui part.  
estava na cama com "grippe". O que te-  
ria havido? Haveria barrasca?

A m.<sup>a</sup> falta deveria ter sido conside-  
rada como fupa.



Janeiro : 30.

O general João Pereira Bastos foi atingido pelo limite de idade : 67 anos. Escrevi-lhe uma carta q. deixei copiada no respect.º volume.

Ele merece-me esta atenção. No Porto, em 1919, faz agora 13 anos, quando meu command.<sup>te</sup> de Divisão, teve sempre comigo muitas atenções — e depois, onde quer que me encontrasse, manteve sempre a mesma correcta cordialidade.

Fevereiro : 16.

Desde os fins de Janeiro até agora uma "grippe" intestinal obrigou-me a estar de cama algum tempo e fez com que saísse dela arrasado bastante. Agora, convalescente, ao ler os jornais atrasados e a correspond.ª acumulada, verifico q. as coisas do Cons.º de Arte não de real a girar.

Em Janeiro soubera pelo Gaspar Diniz que o António A. Gonçalves mandara um officio para o Conselho a-proposito de certas transformações que o Vergilio Correia fizera no Museu; nesse officio (de q. me prometera uma copia) expunha a sua orientação na formação do Museu



e extranhava a mudança que a nova direcção pretendia fazer.

Ora eu vi logo que esse officio, embora m.<sup>to</sup> voluntariamente feito pelo Gonçalves, fôra obra das constantes insinuações do Chaves Alu.<sup>to</sup> e do Gaspar Dimas que, diariamente, lhe não eschecavam os ouvidos com coisas desagradáveis a respeito do Vergilio Correia e possivelmente do Tomas da Figueira. Não fiz commentarios e resolvi esperar pela sessão do Conselho.

Esta foi convocada para 24 de Janeiro; não assisti como atraz disse e não sabia do q. se passou. Chegara, ao ler os jornais vi, na Gazeta de Coimbra de 2 de Fevereiro, um artigo do Gonçalves com o titulo «O Museu das Pratas» — artigo infeliz pela forma e pela intenção. Vêem-se ali as agulhas ferrugentadas e ao mesmo tempo nota-se dolorosamente a decadencia do autor. A allusão ao Vergilio é directa e, talvez, um pouco injusta.

No n.<sup>o</sup> seguinte, no de 4 de Fevereiro, o Vergilio respondeu com uma carta escrita rudemente, demonstrativa de que se sentiu com a allusão. Faz referencia ao artigo sem citar o autor: «Fendo apparecido no seu jornal um artigo intitu-



tado... etc. etc.» É mais abaixo uma alusão aos «gloriosos do auro...» mostra que o autor se deveria ter contido muito para não esbravejar.

É como as tólicas veem sempre atraz umas das outras, o Gonçalves voltou a escrever no n.º immediato, de 6 de Fev.º outro pequeno artigo com o título «Tesouro da Fé», mais infeliz ainda do q. o anterior — mixto da antiga polémica em que foi mestre e da desconexão causada pela decadencia cerebral. Uma pena, tudo isto.

Para que é que lhe instilam más vontades, quando, na situação dele se deve fazer o contrario? Olerijam - no assim a vir a publico mostrar o seu desseram.º e a patentear a decadencia perante publico geralmente hostil.

É simplesmente doloroso.

Ora não sei se por isto, em 13 deste mês, sabado passado, receli novo aviso de convocação do Conselho p.º 14. Extranhei porque o presidente actual não costuma fazer convocações tão proximas — e estou convencido de q. não devem audaa alheios a tão repetidos conselhos os artigos infelizes de que falei.

Estão, pois, a para, com curiosidade de saber o que houve; e logo que saia



Rei-de ver se consegue averiguar o que se passou p.<sup>a</sup> fazer, só p.<sup>a</sup> reunir os devidos comentários.

Polere Gonçalves!

Fevereiro : 22.

Ontem inaugurou-se aí uma sessão de delegação da Liga 28 de Maio de que foram iniciadores e fundadores os estudantes integralistas que se envolveram com o esquemismo de "nacionalistas".

Disseram-me varias pessoas que o caso passou despercebido na cidade; e a unica coisa que chamava a atenção foi o aparato policial na Estrada da Beira onde é a sede da Liga. A policia, em grande força, armada de espingarda rodeava a casa e afastava quem não fosse convidado.

Foi este o traço dominante. O mais curioso, porém, foi que, durante a noite, alguém assaltou a casa e destruiu a mobiliaria e apoderou-se de toda a documentação existente — tal como o livro dos socios, correspond.<sup>ta</sup> etc. etc.

A policia investiga o caso que tem o seu quê de cinematografico.

Vica aí a noticia dum jornal, na parte relativa á assistencia á sessão; de mais, através dos discursos viu-se bem que a



Liga é contra o dr. Bessaia Barreto. As  
moções aprovadas foram bem claras carac-  
terísticas para ele e nos discursos foi verba-  
rada a sua adesão á ditadura por ter sido  
feita com intuito reservado...

Questões de família.

COIMBRA, 21—Na sua sede, na Avenida Emi-  
dio Navarro, onde esteve instalado o Sport  
Club Conimbricense, foi hoje inaugurada a de-  
legação da Liga 28 de Maio, a cuja sessão as-  
sistiram, vindos de Lisboa, os srs. capitão Da-  
vid Neto, capitão Luna de Oliveira, tenente  
Carvalho Nunes, representando o sr. Presiden-  
te da Republica; commandante Fonseca Montei-  
ro, tenente Bazilio, administrador do concelho  
de Silves; tenentes Carrasco e Romão, etc.

Estavam representadas as delegações da Liga  
de 28 de Maio de Agueda, Anadia, Cantanhede,  
Ançã, Leiria, Estarreja, Gouveia, Viseu, Figuei-  
ra da Foz, Covilhã, Alenquer, Barcelos, Fafe,  
Pensacova, Polares, Gendelxa, Lousã, Mealha-  
da, Aveiro, Mira, Avô, Boís, Oliveira do Hospi-  
tal, Povoia de Varzim e Guimarães.

Pouco depois das 15 horas, entraram na sala  
os elementos preponderantes de 28 de Maio,  
que são recebidos com palmas, e vivas á Dita-  
dura, ao capitão David Neto, dr. Oliveira Sala-  
zar.

O sr. dr. Pedro Bravo, antigo ministro, em  
nome da delegação da Liga 28 de Maio, de

Coimbra, saudou a assistência, e, em especial,  
os srs. Presidente da Republica e dr. Oliveira  
Salazar.

Convidou para presidir, representando o Che-  
fe do Estado, o sr. tenente Carvalho Nunes,  
que tinha como secretarios os srs. dr. Albino  
dos Reis, governador civil deste distrito, e dr.  
Lopes da Fonseca, antigo ministro da Justiça.

Os lugares de honra são occupados pelos srs.  
dr. Euzébio Tamaguinta, dr. Pacheco de Amo-  
rim, dr. João Porto, dr. João Pinto da Costa  
Leite (Lumbrales), dr. Carlos Moreira, dr. Ma-  
rio Brandão, dr. Lucio Rocha, tenente Carrasco,  
capitão Monteiro; tenente Carreira, secretario  
do sr. governador civil; alferes Barroso, depu-  
tações das delegações da Liga 28 de Maio; ma-  
jor Ferreira do Vale, dr. Coelho Sobral, José  
Gouveia Leitão, Duarte Carvalhão, D. José de  
Tavora, dr. Moura Relvas, dr. Mario Cardia,  
conde do Ameal, Solano de Almeida, Farja Ma-  
chado, tenente Sergio de Castro, tenente Carmo,  
capitão Luna de Oliveira, tenente Meirinho, dr.  
Lopes de Almeida, major Monteiro Leite, capi-  
tão David Neto e capitão D. Luiz de Melo.

Do Diario de Noticias, de Lx., de hoje, 5.ª pag.ª

Fevereiro : 25.

O arbiço para a Revista Militar a que  
agora me referi em 8 de Jan.º está ainda  
quasi no mundo dos impossiveis.

Com a "grippe" que me arrazou fisica  
e moralmente, fiquei não só com o tem-  
po perdido desde 23 de Janeiro, como tam-  
bem com certa incapacid.º de escrever.

Em 15 deste mês comecei a ralisar  
mas com a cabeça tão fraca que me pas-



recis não ter ideias... Lá fui amontoando períodos sem vontade, emperrando aqui, tropeçando acolá de modo que o ar tipo ia saindo côxo e desconexo. Tisquei e ralisequei — até que, em 22, após sete dias de parto, terminei e datei como de costume.

Mas quando, ante-ontem, o li, seguidamente, p.<sup>a</sup> sentir o efeito, tive impressões desagradavel...

Aquilo não valia p.<sup>a</sup> nada. Era coisa sem conexão e, apesar disso, com tendências tão avançadas que eu não o publicaria nem eu eu teria qualquer pensabaria.

Nessa noite dormi mal. Senti-me incapaz de fazer qualquer coisa em termos e pensei em escrever ao Pires Monteiro desligando-me do compromisso, tanto mais que o tempo aperta e já não tenho muito pau p.<sup>a</sup> muitas.

Mas ontem, com remorsos, lá comecei a escrever de novo, com certa gana de levar a coisa ao fim. Vamos a ver o que agora pái!...

Fevereiro: 29.

Fui hoje ao Quartel-General receber o soldo; e ao ir á 1.<sup>a</sup> Rep.<sup>ta</sup> saber qualquer coisa, fui avisado de que fôra tomado em ordem do Exército.



Realmente, na O. E. n.º 3, 2.ª serie, de 22 deste mês, vem a portaria de 4 do mesmo mês, emanada da Repart.ª do Gabinete, que levou 3 vagas auxiliares da Comissão de Hist.ª M.ª entre os quais a m.ª pessoa «em virtude dos trabalhos historico-militares que tem realizado á sua custa p.ª a mesma comissão, manifestando assim a maior dedicação por esses relevantes serviços e um acendrado patriotismo.»

É curioso o levar p.ªp. embora seja a consequencia do que aqui ficou exposto em 3 de Jan.º passado, a portaria não indica a proposta da Comissão de Hist.ª e dá a impressão de que saiu espontaneamente da propria Repartição do Gabinete.

É assim o levar vem da mesma estação que me afastou do serviço...

Um official tão dedicado, tão generoso para com o Estado, e de tão acendrado patriotismo, mereceu o afastamento do serviço. Se não fosse um caso serio, seria quasi motivo p.ª reclamar — ou do levar ou do afastamento...

Ainda uma nota p.ª acabar o dia que fez o ano bisexto.

Em 25 do corrente o ministro do Interior reuniu os governadores civis para



thes ter um largo discurso sobre as bases da organização do p. eles chamavam o Estado Novo. Foi um grande discurso, com o picante de vir recheado de ameaças.

Arqueiro aqui um período por simples curiosid.<sup>2</sup>

Quem não quizer sinceramente a disciplina e concordia civil que o Governo deseja, quem tramar contra a Ordem ou a perturbar, terá o destino merecido pelos seus actos criminosos. A severidade do castigo poderia ir até onde não foi ainda, não por vontade do Governo, mas por terem escolhido essa dura sorte. A sociedade portugueza não pode estar sujeita aos males de preparações revolucionarias e de insurreições perturbadoras e ruinosas.

O que é que o homem querará dizer?  
 É a pena de morte q. anuncia?  
 Que diabo será?

Março: 5.

Vem hoje nos jornais a noticia de que vai sair nova reforma do ensino artistico e dos serviços das Belas-Artes.

Entre as medidas, sobresai a extincção dos Conselhos de Arte e Arqueologia — mas faculta a criação de comissões municipaes voluntarias. Concentra tudo em Lisboa em ~~um~~ um Cons.º Nacional de Belas-Artes para, como diz o jornal, não haver dispersão de funções; e cria uma Academia de Belas-Artes, equivalente á velha Academia de Ciencias, etc. etc.

Nomeia já o Conselho central e o nucleo instalador da Academia. Tem qualquer



deles ha gente de Lisboa e do Porto, fredo-  
meirando, é claro, Lisboa; mas de Coim-  
bra meu meu! O José de Figueiredo con-  
seguiu excluir até o Vergilio Correia — pro-  
fessor de Estética e Hist.<sup>a</sup> da Arte na Facul-  
dade de Letras.

Quanto a mim... só digo que estou  
satisfeito. Fico livre de preocupações e de  
aburrecimentos.

Março: 7

Acabei hoje a 2.<sup>a</sup> edição, correcto e re-  
fund.<sup>a</sup> do meu já celebre artigo para a Re-  
vista Militar. Combino, parem, a julga-  
lo inviavel, isto é, a não estar no caso de  
ser publicado.

Está em tanto ou quanto bolchevista...  
É certo q. ficou em pouco mais harmóni-  
co — mas ainda está ruim. Decidida m.<sup>te</sup>  
vou-me escusar. Tem que ser. Aquilo  
não presta e... gastei em quasi quinze  
dias!...

Março: 11.

Tive ontem á noite a visita do Floro  
Sleuipnes, regressado da sua deportação de  
4 annos e 3 meses — quasi como as depor-  
tações do tempo de D. Miguel. Gastei de o  
ver. Veio mais queimado, tabaco, mas



bom de saúde e até dá a impressão de q. os 4 anos de descauço forçado lhe fizeram bem.

E notei uma coisa curiosa: os 4 anos de deportação e os prejuizos que daí lhe vieram, não lhe tiráram o seu feitio fantasista. Até, talvez, mehta mais agarrado ao sistema antigo de julgar as coisas por prismas diferente do de toda a gente. Isto é sinal de firmeza de animo e de caracter rijo que não foi abaixado com tanta trapaalhada e danos correspond<sup>tes</sup>.

Agora, aí anda a tratar da questão judicial contra o seu antigo socio Paul Fernandes, que parece que o esfoliou com unhas e dentes, abusando da boa fé da esposa do Floro q. cá ficou com procuração completa. E o caso anda por m.<sup>ta</sup> centena de contos — uma brucadeira.

Março: 12

A proposito da visita do Floro, lembrei-me do dr. Fernando Lopes que é o seu advogado na questão a que acima me referi. E lembrei-me dele quero aqui deixar o seguinte:

O Fernando Lopes, em estud.<sup>te</sup>, foi anarquista; sustentou um jornal anarquista, fez propaganda anarquista; quando se pro



clamou a Republica pertenceu á celebre « falange demagógica » que praticou o chamado desacato á sala dos capelos e ao vestuario dos leutes, em Outubro. Depois de formado, casou civilmente com a afilhada do velho democrata Frederico Graça e manteve-se sempre republicano liberal e começou a sua vida de advogado acompanhando os chamados « democraticos » em politica e depois da cisão, acompanhou o Alvaro de Castro.

Por morte do Graça, herdou toda a sua fortuna; hoje é rico não só por isso mas porque ganhou o dinheiro que quer na especialidade de Direito commercial em q. é distinto.

Pois bem. Ha uns meses casou religiosamente; baptizou os filhos que estavam somente registados; e na Quinta das Romeiras, do velho Graça e que ele herdou, está restaurando a capela que este transformara, ha mais de 1/2 seculo, em arrecadação ou celeiro.

Motivo? Ha versões: uns dizem que por causa do ambiente actual, favoravel a essas mudanças; outros q. por causa do casamento da filha com o filho dum brasileiro letrado que só deixa casar o filho com gente catolico-apostolica...



Podará ainda haver terceira versão. Estas, pareceu, chegam p.<sup>a</sup> avaliar a evolução dum exaltado anarquista.

Março : 13.

O Conselho de Arte e Arqueol.<sup>a</sup> foi convocado p.<sup>a</sup> hoje — e p.<sup>a</sup> encerrar definitivamente os trabalhos. O Presid.<sup>te</sup>, dr. Pessoa, deu conhecimento do decreto que o dissolve, mandou laurar a acta, fê-la ler e aprovar e... pronto! deu por findos os trabalhos com os agradecimentos do estilo e algumas palavras cautelosas.

Eu, por taracha, propoz uma lagrima pseudida, mas não foi aceite...

O Pessoa, depois de encerrada a sessão, propoz que o Cons.<sup>o</sup> fosse o núcleo de uma Socied.<sup>e</sup> de Amigos do Museu, para contrapor ao propósito que houve da criação de comissões concelhias em que predominassem os parochos. Foi aceite a ideia com certa boa vontade.

Uma coisa q.<sup>e</sup> me admirou foi o Director Geral ter dito ao Vergilio Correia que a revista do Conselho, a «Arte e Arqueologia» devia continuar e passaria a ser propried.<sup>e</sup> do Museu; e levou a availability a conseguir da Junta da Educação Nacional a dotação de um conto de reis



para ajuda das despesas. Foi uma campanhação...

Março: 18

Miranda do Corvo.

Aqui estou, desde 15, a arar, estendendo em cima da campanha ou em cadeira de lona, contemplando as encostas cobertas de pinheiros do Valepo e do Calveço, as oliveiras do monte frondeiro, da Igreja, ou ainda a vila com seu casaredo monótono por sobre o qual se presê, p.<sup>a</sup> o nascente, a alegria dos campos férteis.

Esta vida p.<sup>a</sup> aqui, resolvida á presença por motivos de saúde, não deixou de agradar. Esta vida de aldeia, estes ares de campo e de serra, este sossego e athenm.<sup>to</sup> da cidade, parece ser p.<sup>a</sup> muito mais natural do que o viver cidadão.

Atavismo?... Influência da mocidade aqui passada, naquele período em q.<sup>o</sup> as impressões se fixam mais e melhor? Propensão para a vida sossegada, quasi solitária? Aproximação da velhice?...

Sei lá! O que sei é que me recosto na cadeira ou me estendo na campanha e que não sinto vontade de me levantar; e o meu desejo é ficar a olhar



para a natureza á volta, a ouvir em baixo o murmurar do rio sobre as pedras do leito e a sentir vontade de fechar os olhos e dormir...

Beatitude, enfim.

No prox.<sup>o</sup> domingo ha aqui a festa dos Passos, festa rija que, pela despesa que faz no' se realiza de 2 em 2 annos; anda a vila alvoroçada com a perspectiva da festa; e todas as manhãs se juntam grupos de homens no adro da Igreja, esperando o abrir das portas para se censerem — pois seria inumerosimil que o Sr. dos Passos saisse da sua residencia lá do alto e desse a heura de descer á vila e encontrasse os polvos mortais com a consciencia rija e sem a devida absolvição.

Levantam-se altares em certos pontos das ruas para os «passos» do Senhor; fazem-se torrecimentos de canestiveis; lavam-se as casas; fazem-se covites.

Ha um couboio especial de Coimbra, para os devotos e para os paupes.

Eté. eté.

Mistura-se o sagrado com o profano, ganha-se dinheiro e sempre se mantém a fé dos nossos maiores...



Março : 20.

Recebi hoje carta do Pires Monteiro em resposta á minha de 14 deste mês. <sup>(1)</sup>

Fiquei desolado... não percebeu a m.<sup>a</sup> culpa epistola!

Faz considerandos m.<sup>to</sup> avanços para mim e diz que lá me espera em 12 de abril prox.<sup>o</sup> (dia da sessão da Assembleia Geral) e que leve eu o artigo!

Então não me expliquei sufficientemente? O P. Mont.<sup>o</sup> é, ás vezes, um tanto ou quanto distraído; e como a carga era grande, não a teria lido com a devida atenção?

Que hei-de eu fazer?

Março : 28.

Recebi hoje nova carta do Pires Monteiro, appreciando com o meu silencio. dá explicações avançadas e faz considerandos sobre o tema do meu artigo — q. já se vai tornando célebre.

Vou responder amanhã, também, é claro, avançadamente, tanto mais que, lendo hoje de novo o artigo, após 15 dias de gaveta, pareceu-me melhor e que,

---

<sup>(1)</sup> Copiada no vol.<sup>o</sup> respectivo.



com tipos retos e seus aditamentos, poderia finalmente escapar.  
Vou fazer esse esforço.

Março: 31.

Coimbra.

Cá estou, de novo, em Coimbra, após quinze excelentes dias de aldeia. Cá estou, pois, metido na superegrua costumada.

Encontrei em casa o 1.º vol.º dos Arquivos de Dermatologia e Sifilografia, do Rocha Brito, com dedicatória au.º au.º. Mas quanto a referências às pessoas q. lhe ajudaram a ler os documentos que publica acerca da Gafaria de Coimbra... nem uma!

Por isso há dias o Vitorino Nemesio me dizia:

— Não sabia que o Rocha Brito era paleografo...

Mais uma lição q. recebo, p.º vez se não me deixo cair neutra.

Abril: 1.

Correu ontem por aí, com insistência, que o dr. Bissais Barreto ia ser ministro do Interior na recomposição ministerial q. se aproxima. Ela quem afirmou e ha quem negue.



Os q. afirmam dizem que ele quer ir para dar amnistia total e marcar eleições.

Ora se assim fôr — é uma nêr uma ditadura.

Vou, pois, por aqueles q. negam.

Abril: 3.

O demônio do artigo que o Dires Monteiro me sugeriu e que devo apresentar p.<sup>a</sup> a Revista Militar em obediência ás juntas estatutárias, tem-me feito mal.

Desde q. cheguei de Miranda e procuro emenda-lo e jô-lo em estado de ser inserto no órgão da classe, a cabeça voltou, de novo, a fraguejar e os nervos, em tra nêr, a alvarocarem-se.

Abril: 7.

Vou mandar amanhã o artigo, o celebre artigo, para a Revista Militar.

Já o copiei. Estou tanto mais, tarde ou nunca se indireita. Vai assim, com seiscentos diabos! Não quero pensar mais no caso — mas tenho quasi a certeza de que o não publicam.

É isso se opera os sagrados deveres da classe e os cânones da revista.



Abril: 8.

Recebi hoje o aviso convocatório para a assembleia geral da Teuista.

Não tenho interesse em ir. Gasto dinheiro q. me faz falta e vou ser comparada numa comedia qualquer, embora comedia innocente.

A mania das cerimoniaes! Qual será o meu papel no meio daquela gente toda: uns velhos agarrados aos prejuizos de classe, outros mais novos cheios de embófia da farda e do saber dos super-homens do Estado-maior, e ainda outros, reaccionarios, que me olharão de revés! E terei que discursar?...

O aviso menciona duas partes: a 1.<sup>a</sup> é p.<sup>a</sup> o Elogio do falecido General Joao Martius de Carvalho; a 2.<sup>a</sup> p.<sup>a</sup> proclamação dos novos socios efectivos e apreciação do parecer do Cons.<sup>o</sup> Fiscal sobre o relatório da gerencia de 1831.

Vamos a ver se me resolvo.

Ora hoje, no Arquivo da Univeridade succedeu um caso curioso que mostra até certo ponto a competencia de certos funcionarios que se tem na conta de insubstitueis e não admitem que quem quer q. seja mais do que eles.



Foi ha pouco colocado no Arquivo, como conservador, na sala aberta por patifaria do Ferraud Pimentel de Almeida, o Ant.º Gomes da Rocha Madahil, funcionario da Biblioteca Geral.

Este Madahil tem uma garofia muito grande do seu saber e uma forma de falar atinca em materia de erudicao. Não ha assunto que lhe não seja familiar, seguindo parece, etc. etc.

Ora hoje veio ele falar-me á mesa onde eu estava trabalhando e mostrou-me uns docum.<sup>tos</sup> que disse serem duma enorme colleção oferecida ha pouco ao Arquivo e que ele estava catalogando. E perguntou-me se eu conhecia a assinatura do rei D. Miguel.

Disse-lhe q. sim e que, por sinal, o ho quem assinava Miguel ... Mostrou-me, então os documentos informando-me de que eram realmente do rei mas que não percebia o resto da assinatura.

Eu olhei ... a assinatura era de D. Miguel Pereira Farjaz e as datas eram de 1816 e 1818!

A duvida do Madahil vista da assinatura estar escrita assim: D. Miguel P.<sup>ra</sup> seguida de Farjaz, á pressa, quasi em breve, uma garatúja, enfim.



Ele dizia-me, com certo tom de certeza:

— D. Miguel Primeiro não se lembra q. é; mas o resto? Não há maneira de perceber...

Eu não quiz logo desemparear-lo e respondi:

— Mas veja V. Ex.<sup>a</sup> que, de D. Miguel 1.<sup>o</sup> não poderá ser perg. as datas são anteriores ao reinado. Nesta altura, o D. Miguel que tudo mandava em Portugal era o Pereira Farjaz... E olhe V. Ex.<sup>a</sup> que deve ser a assinatura deste... Não lhe parece?

Ele ficou passado. Vi-lhe na expressão que ficou encanacado e arrependido... Que poderia eu dizer se contasse o caso cá por fóra? Que responha para um esmeruader paleografo! Não saber ter uma assinatura tão simples e não ver que em 1818 D. Miguel não era rei!

Teve um gesto que se não define. Foi quasi até á janela, olhou vagamente a paisagem e disse-me, já um pouco refeito do abalo:

— Mas não V. Ex.<sup>a</sup>... Eu sabia muito bem quem era D. Miguel Pereira Farjaz... Mas com esse conhecim.<sup>to</sup> do poderio nesse tempo, só V. Ex.<sup>a</sup> que é especialista em historia militar... Por isso eu confundi...



Não insisti p<sup>o</sup> não atrapalhar mais e mudei de conversa. Fui generoso...

E a propósito...

Em Dezembro de 1827 deu-se outro caso não direi semelhante mas que me ocorreu agora.

Era então conservador do Arquivo o licenciado Brito e Silva, reaccionario que a Faculd. lá por não sei por que causas e q. o dr. Ferraud de Almeida, ha pouco, causei que pôr fora p<sup>o</sup> dar lugar ao illustre M<sup>o</sup> d'ahil. Um dia mostrava eu umas fotografias que tirára na Trófa, dos tumulos dos Reis, ao dr. Gonçalves Cerejeira, então professor na Faculd. e a ele, Brito e Silva. A mostrar a que tem um cavaleiro ajoelhado e que foi publicado no n.º 1 da Arte e Arqueologia, o Brito e Silva, m.º naturalmente, exclamou:

— Que bonita! Nunca vi uma estatua jacente como esta!

O Cerejeira fez um gesto exquisito; e lançou um olhar tremendo ao outro. E eu p<sup>o</sup> que me não chamassem logo disse o mais mansam.º possível:

— Creio q. os artistas não chamam a esta especie de estatuas precisam.º estatuas jacentes...

E voltando-me p<sup>o</sup> o Cerejeira:



— ... creio q. lhes chamaem arantês...

O Berejeira esboçou um gesto vago; e com um vago assentim.<sup>to</sup> de cabeça, fechou o incidente:

— Realmente, é uma beleza!

E comparou com um tumulto que tinha visto em Itália, salvo erro.

O finario!

Vê-se, pois, que os conservadores do Arquivo são escolhidos como se quer.

Abril: 9.

O monumento aos mortos da G. Guerra, em Coimbra, tem dado que falar. E a má língua já obrigou o escultor Luis Fernandes a dizer de sua justiça em publico.

Publicou uma carta curiosa, na Gazeta de Coimbra, de ha dias, que aqui conserva como documento de certa ordem.<sup>(1)</sup>

Em todo o caso, creio que e' gastar cêra com ruins defuntos.

Abril: 11.

Final, sempre me resolvi a ir a Lisboa, e cessado da Revista Militar.

Acabou-se. Vamos a ver o que pái de tudo isto.

<sup>(1)</sup> No fim do vol.<sup>o</sup>, a pag. 327.



Abril : 14.

Cheguei hoje, de Lx.<sup>a</sup>, no sapido da sua  
nhã. Ueuho, afinal, satisfeito...

As coisas não correram como o meu  
pessimismo calculou; e não estão arrepen-  
dido.

A' hora marcada, lá estava na Revista  
Militar, em sobre-toja um pouco acanha-  
da, mas meus mal arranjada, com pas-  
sadeiras e oleados pelo chão, quadros pelas  
paredes, retratos dos directores e revista  
meas notaveis, etc. etc.

Procurei o Pires Mont.<sup>o</sup> e o meu prim.<sup>o</sup>  
cuidado foi perguntar-lhe pelo arbispo, o cele-  
bre arbispo. Ele disse-me, com o ar serio  
um tanto ou quanto catêdratico que ás vê-  
zes torna, que o arbispo seria publicado, que  
não havia razões p.<sup>a</sup> o contrario.

— Mas o Pires Mont.<sup>o</sup> leu-o?

— Li-o e tambem o leu o nosso Gene-  
ral Beix.<sup>o</sup> Botelho. Está um trabalho serio,  
reflecte a opiniao de pessoa culta e não tem  
coisa contraria á nossa orientacao.

— Bem, antes assim... e' andava pres-  
cupado com o diabo do arbispo...

— Pois descanse. O nosso General até  
gostou.

E como entrasse gente, a conversa



desviam-se e começaram as apresenta-  
ções. O Teix.<sup>o</sup> Botelho festejou-me muito,  
com a maneira afidalgada q. lhe é usual  
e que é m.<sup>to</sup> apreciavel.

Entraram generais, uns reformados,  
outros do activo; outros ministros, velhos  
políticos, gente cuidada p.<sup>a</sup> ouvir o elo-  
gio histórico do general João Martins de  
Carnalho. Entraram senhoras da familia  
do elogiado, enchou-se a casa. E eu rumi-  
di-me a um canto da sala, ao pé do Ferrei-  
ra Lima.

Presidiu o velho almirante Ramos da  
Costa; depois do Teix.<sup>o</sup> Botelho dizer umas  
breves palavras, o car.<sup>o</sup> do E. M. Correia Mello  
deu o Elogio Histórico a seguir ao que  
o Teix.<sup>o</sup> Botelho voltou a falar.

Tudo isto com a retórica correctã de ha  
50 annos, retórica pura como seria natural.  
Depois assinou-se um auto em portugue-  
zês, commemorativo — e tudo com ar sé-  
rio, m.<sup>to</sup> correcto, sem nada que fuzasse  
ao comico.

Depois desta parte mais solene, seguiu-  
se a proclamação dos novos socios. O almi-  
raute fez breves discursos de congratula-  
ção e de felicitações; dirigiu aos novos so-  
cios palavras amigas, de encitamento,  
chamou-nos "rapazes", etc. etc. Seguiu-se



o Teixeira Botelho: justificou a escolha dos 4 novos socios, mas sobre mim recaiu a maior parte do discurso dizendo coisas q. eu não contava ouvir. Falou dos meus trabalhos históricos, especialmente dos militares; classificou-os de notáveis (embora ainda não devidamente apreciados) pois como dizem "um caso novo e à parte na nossa historiografia"; e acrescentou que nesses trabalhos havia critica séria, investigação levada a um apuro pouco ou quasi nada usado, uma forma literaria curiosa que denunciava cultura larga, etc. etc.

Quando terminou, pedi a palavra. Levantou-me mais ou menos preparado uma ligeira palavra; mas, perante o q. ouvi tive de modificar e, francam.<sup>te</sup>, não sei bem o que disse. Agradei, protestei modestamente, como é regra, contra os louvores, disse q. não merecia aquelas honras e afirmei a lealdade e boa vontade para com a Revista. Acabei por afirmar a inutilidade dos meus trabalhos mas pedi, ao mesmo tempo, q. não exigissem de mim mais do que eu poderia dar... etc. etc.

É difficil reproduzir a m.<sup>a</sup> fala. Mas foi isto um pouco mais ou menos. De improvizo não sei falar, e por isso disse acima q. não sei bem o q. disse...



Feita a leitura do relatório da Direcção e do Causo Fiscal, a sessão foi encerrada. E eu fui então centro de cumprimentos dos circunstantes, a começar pelo Teix.<sup>o</sup> Botelho e almirante Ramos da Costa.

Especializarei pela maneira affectuosa como me falaram: o Freitas Soares, antigo ministro da Guerra; o dr. M.<sup>o</sup> Aguiar, coronel medico; o general Pereira Bastos, o major Costa J.<sup>o</sup> e o velho official do Est.<sup>o</sup> maior Dom Ant.<sup>o</sup> José de Melo.

Enfim, fiquei satisfeito e pensei na verd.<sup>o</sup> do dito do evangelho: cumprim e profeta na sua terra...

E hoje, ao ir ao Quartel-general dizer que já cá estava, e ao contar a uns officiaes o q. se passára, acrescentei:

— Foi pena q. o sr. command.<sup>te</sup> da Região não estivesse lá p.<sup>o</sup> ver se me ficava conhecendo... Parece q. os de longe me conhecem melhor do q. os da terra...

E isto foi dito p.<sup>o</sup> que lho repetissem.

E com o dia de ontem, 13, passado no Barreiro, acabei a m.<sup>a</sup> excursão a Lisboa.

Abril: 17

Escrevi aos general Teix.<sup>o</sup> Botelho e D. Carlos Monteiro cartas de agradecimentos, refer-



caudo os agradecimentos que pessoalmente  
~~meu~~, em 12, lhes apresentei. Foram estes  
 dois os promotores, com certeza, da minha  
 entrada p.<sup>a</sup> a Revista.

Abelil: 20.

Fui hoje ao enterro do dr. Augusto Me-  
 des Sirmões de Castro que anteu morreu ás  
 6 h. da tarde, quasi de repente.

Quinta e sete annos de trabalho modesto,  
 perseverante, dumo probidade a toda a  
 prova; uma vida de honrada levada, ás ve-  
 zes, á inutilidade; uma erudição que fi-  
 cou quasi inedita. Classicismo, bibliogra-  
 fia, historia portugueza, em especial histo-  
 ria de Coimbra — em tudo era palheira se-  
 guro, mas sem atirar o que sabia á cara  
 dos outros, sem atropelar ninguém, enco-  
 lhendo-se sempre á passagem de quem  
 quer que agitasse os guizos do "cá estau  
 eu!..."

Ainda me lembro do caso dos docu-  
 mentos relativos ao côro da igreja de Santa  
 Cruz que o dr. Teix.<sup>o</sup> de Carvalho aproveitou  
 abusivamente...

E quantos casos como este teriam acon-  
 tecido sem se saber!

Belo exemplo de vida, esta — embora  
 não seja para aconselhar.



E afinal... o entêro teve tres duzias de pessoas, na mais parte indifferentes ao valor do homem. Funcionarios dos correios como antigos colegas; funcionarios das finanzas como colegas dum rolzinho por afimidade; estudantes como colegas dum outro rolzinho por afimidade mais remota; os caupueadores da Loja das Flores dum felicido irruão; mais duzia de amigos e... pronto!

Onde estavam os professores universitarios que tantas vezes o procuraram para se servirem das suas indicações? os honreus de letras? os...

Adiante!

Num dos turnos de bolas, no cemitario, tiveram de chamar um policia aposedado, amonueuse da Junta Geral porque não havia já quem completasse o ultimo.

E basta.

Valerá andar uma vida inteira com honradez; ser escritor de probidade intelectual e moral; ser pessoa de boa-fé e deeser sempre ser util?

Atraz do caixaõ do polve velho, pensei nisso — mais não cheguei a tirar qualquer conclusão.

E que conclusões poderia tirar?



Abril: 22

Não quero esquecer um caso curioso, bem curioso, se bem que nada de extraordinário...

O Humberto de Araújo, antigo anarquista, exaltado liberal que casou civilm.<sup>te</sup> e apenas registou as filhas; republicano « de princípios »; q. com o andar dos tempos se fez advogado seu escriptor e para agarrar uma herança casou religiosam.<sup>te</sup> ha pouco e baptizou as filhas, etc. etc. deu ha dias a maior prova do seu valor moral com a inauguração do retrato do ministro Salazar na esquadra da policia de Coimbra.

O n.º do Diario de Coimbra em que se descreve a festa é de 11 de Abril e alem da noticia traz um artigo de fundo assinado pelo Araújo (com fac-simile da assinatura q. não deixar duvidas) e intitulado O Primeiro de Todos...

Este artigo de fundo é soberbo e quasi me tentou a arquivar-lo. Mas para quê? Valerá a pena gastar tanta e tempo com tais estafemos?

Basta este periodo para se avaliar o resto do artigo, que é, afinal, como que o desenvolvimento do tema: « É' aquelle es-  
"pirito creador e profundo, á volta do qual



"gira toda a inortalid<sup>de</sup> de uma raça, sim  
 "bolsa apuro e supremo da inteligência e  
 "das virtudes do nação." »

Na inauguração do retrato, na esquadra, discursou e entre outras frases teve esta que meede bem a craveira do orador:  
 «... o pouco que vai dizer é a expressão  
 "reubida de sua sinceridade, do seu afun-  
 "mo de homem q. sabe sentir não deixando  
 "nunca envenenar os seus reubidos.» E  
 mais adiante: «Oliv. Salazar é hoje o  
 "maior português, não o diz por servilis-  
 "mo, afirma-o porque ele é um português  
 "de lei.» Etc. etc.

Falando no caso ao Tomás da Fonseca, que foi me<sup>to</sup> amigo, noutros tempos, do dito Araújo, vi-lhe um ar irritado e disse-me que também tinha lido tudo. E terminou com a conversa:

— O Araújo julga que o Salazar não é um homem inteligente...

Também a mim me doeu este caso um tanto ou quanto. Noutros tempos não desgostei do rapaz e cheguei, confesso, a acreditar nele.

Confim: a verdade é que ninguém está livre de se enganar.

E não parece mal a confissão.



A' noite. E a proposito do dr. Augusto Meudes Simões de Castro.

Logo no dia do enterro deste, o Antonio Gomes da Rocha Madalil me disse que pensára num In-memorian e via lancar a ideia.

Eu approvei e ofereci o meu esforço.

Hoje, no Arquivo, disse-me que fallára com o Pinto Laureiro, director da Biblioteca ~~comunicou~~ Municipal para que publicasse um n.º ou um volume do Arquivo Coimbra em homenagem ao velho inextinguível. O Pinto Laureiro, porém, pôz inumeras difficuldades a ponto de considerar o caso impossivel; argumentou com a necessid.º de publicar trabalhos já começados, com os relatórios, as faltas de verba, etc. etc. E o Madalil, desolado, concluiu:

— Nada feito...

Dr. o Pinto Laureiro é homem pratico: a homenagem ao dr. Augusto Meudes não lhe traria proveito.

Sue diabo! Enquanto o velho escritor foi vivo, serviu-se dele para leitura de documentos, para indicações de fontes, para tudo, enfim, de que necessitasse; mas agora, morto o homem, para que lhe servia ele? Marreu, marreu! pronto. Nada



de maçadas — que o presente é o que vale e o que não é útil jõe-se de lado.

O mundo está para estes cavalheiros e estes é que triunfam.

Mas, continuando com a conversa, lembráramos-nos (eu e o Madahil) do Justicuto e da Arte e Arqueologia. Em qualquer das duas revistas ficavo bem a homenagem. E isto para não ter que fazer um volume á parte que talvez nenhum editor aceitasse.

O Madahil ficou de falar ao Dr. Joaquim de Carvalho; eu, ao Virgílio Correia. Calculo, porém, que o utilitarismo dos dois nos dará resposta idêntica á que deu o Pinto Laureiro.

Vamos a ver.

Abril: 23.

Fui ontem ouvir uma conferência do poeta Casais Monteiro, na Associação Académica, a propósito duma exposição de desenhos feitos por estudantes.

O título era: A arte contra a Ordem; e o assunto foi desenvolvido sobre a seguinte frase: « o verdadeiro artista não se deve subordinar a regras. »

Foi conferência interessante, cheia de rebeldia contra as formulas, de criti-



ca liberrima aos conceitos normais da arte. Mas para mim, foi prejudicada pela forma literaria que lhe deu, abundante em typos comuns, sem brilho de expressões e monotona.

E eu fiz depois o comentario, aliás facil de fazer, de que por muita innovação que tentem (e talvez com razão) sempre não cair nos processos normais que já vêm de traz.

Certas passagens, contidas, foram arrojadas de mais, se não foram simplesmente paradoxos.

Abril: 24.

Fui hoje visitar o Antonio Augusto Gonçalves. Que doloroso é ver a decadência dum homem como este!

Sentado a um canto, emburrado, entre quatro paredes, ali passa os dias aquele homem de raras qualidades de acção!

Dizia-me ele, desalentado:

— Aqui estou á espera!... Veja lá... Eu julguei que isto fosse depressa, mas afinal estou a ver que isto vai de vagar de mais... É o diabo!...

E como eu me risse e dissesse qual quer frase vaga de amabilidade, ele concluiu:



— Não, não creia que eu melhore...  
 Isto é o fim. Mas vai muito de pagar.  
 É uma maçada. E aqui estarei à espera  
 da hora, muito maçado e a maçar os  
 outros...

A memória está a falhar - he muito;  
 faltam - he palavras repetidas vezes; e vê-  
 se claramente que aquelle cerebro vai a  
 perder a pouco e pouco a sua força.

Falei ainda no caso do Vergilio Bar-  
 reira a que aqui alludi em fevereiro últi-  
 mo. E resumiu:

— O Vergilio é creatura muito espe-  
 cial e muito mal creada. Constei com  
 ele, por-lo de lado. Faltou-me segun-  
 da vez ao respeito e já estou velho para  
 aturar rapazes malcreados...

E teve ainda o velho gesto de ener-  
 gia. Mas é doloroso ver uma decaden-  
 cia assim.

Sai de casa incomodado.

Abril: 26.

Comencei ontem a escrever uma con-  
 ferencia que tencio ter na Universidade  
de Livre e que intitularei: Nunevares,  
chefe militar.

A conferencia pretende demonstrar  
 que Nunevares sabia o que fazia e não



necessitava do polirenatural para conseguir as vitórias. E nem a propósito duma discussão levantada sobre a mudança do nome da rua 24 de Julho, em Lisboa, para avenida Neualbares.

Baher ná causar algum escandalo.

Maio: 5.

Ontem a conferencia na Universidade Livre foi feita pelo advogado José Pinto Laureiro.

Como lá appareceu o "celebre" Dias Pereira, amigo pessoal daquele e actualmente seu companh.º e creio que confidante no « Grupo de Estudos Democraticos » eu tentarei-me de o pôr a presidir á sessão — com o que ele se julga muito honrado.

A presidencia correspondia, pois, ao conferente.

Mas o mais interessante é que o Pinto Laureiro antes de começar a conferencia, no exordio costumeado dos agradecimentos e das afirmações de modestia, fez referencia á minha pessoa na verdade com poucos descaídas e que eu não compreendi muito bem. « Fiquem austeros de militar », « estudioso das coisas do passado », « frequenta-



dôr assiduo das bibliotecas e arquivos...»  
etc. etc. num rosario de amabilidades  
que não esperava dele e que se não aju-  
stavam ao momento.

Mas ainda o mais curioso foi que o  
Dias Pereira, no final, ao agradecer e ao  
elogiar a conferencia, que, diga-se a verd.<sup>de</sup>  
foi boa, tambem se referiu á mi.<sup>a</sup> pessoa,  
num elogio caloroso, elevando a voz como  
nos comicios, procurando tirar efeitos re-  
toricos em tom algum tanto desconcertado.

Que diabo querem estes cavalheiros?  
Achei que as amabilidades eram esmola  
grande de mais...

Serão mais dos tempos?

Eu ainda disse ao ouvido do Tomás de  
Fonseca:

— Quererão eles meter-me nos «Es-  
tudos Democraticos?»

Mais: 6.

Recebi carta do Pires Monteiro, sempre  
atencioso e infatigavel. Felicita-me pela  
conferencia acerca de Numismatologia que ten-  
ciouso fazer e que comencei a escrever em  
26 do mês passado. E lembra-me que a  
deveria repetir na Universidade de Lis-  
boa. E' boa ideia, mas...



Mais : 7

Meu dito, meu feito.

Ontem fui ao cinema ver a fita sonora do Chevalier « O Tenente Redutor. » Quasi ao pé de mim, estava o Binto Laureiro q. num dos intervalos me disse que no próximo domingo o Grupo de Estudos Democráticos de Coimbra ia dar a ultima demão aos seus estatutos e em breve elegeria os seus corpos gerentes — para os quais o meu nome está indicado.

— Eu ?...

— Vêc. mesmo. Temos tencão de eleger presidente da assembleia-geral o dr. Anselmo Ferraz de Carv.º e Vêc. para vice-presidente. Como vê, damos-lhe um lugar sem responsabilidades de direcção, mas o mais honroso possível — aliás ainda abaixo dos seus meritos...

Vieram-me á ideia os elogios na noite da confer.ª na Univ.ª de Livre. Que grandes maristas! Julgam-me que me levam assim com essas blandicias.

E como me excusei e lhe disse que o meu espirito não se contenta com as limitações do programa do Grupo, ele, como advogado, saltou logo com replica, por sinal bem infeliz:



— Então... para a Rússia? Mas isto não é democracia, mas despotismo!

— Quem disse a Ue. que eu evoluo para a Rússia?...  
 E com sorriso:

— Eu nunca vi de Portugal... E creio que ha poucas doutrinas e poucas maneiras sociais alem dos do Grupo e dos da Rússia...

Etc. etc.

São uns grandes ratões.

Mais: 8.

Ontem, na Gazeta de Coimbra, veio a noticia da confer. do Pinto Loureiro com as referencias que este me fez; diz o seguinte:

« O sr. dr. P. L. iniciou as suas considerações por se referir á obra cultural e educativa da Univ. de Coimbra promotora de conferencias, e pôz em relevo os nomes dos srs. coronel G. P. e professor Tomás de Figueira que áquella instituição têm presta do o melhor do seu esforço... » etc. etc.

E segue um resumo da conferencia e outro das considerações finais do dia Pereira. A noticia é, evidentemente, da autoria do Pinto Loureiro.



Mais : 8.

Um outro caso curioso que se deu com o António Gomes da Rocha Madalil actualmente conservador do Arquivo da Universidade, confirma os outros casos dos anteriormente.

No Arquivo mostrava-me ele uma carta de D. Maria Anália Vaz de Carvalho que lhe pareceu ali foi parar com uma grande collecção epistolar oferecida pelo João Jardim de Vilhena — carta que, por sinal, deixa ver que entre ela, a autora, e o poeta Tomaz Ribeiro (a quem era dirigida) houve relações que não foram só espirituais.

Mas lia-me ele a carta, muito naturalmente, quando no passo em que a autora se referia por duas vezes, muito afavelmente, ao « nosso querido Tomás de Carvalho » interrompendo a leitura me disse com a maior naturalidade:

— Fala duas vezes neste Tomás de Carvalho que não sei quem é... Naturalmente qualquer amigo comum ou parente.

Expliquei-lhe melhor ao fim quem era Tomaz de Carvalho e de maneira tal que me pareceu que ele ficou arrependido da observação.



Pouco depois, a propósito dos seus trabalhos no Arquivo, mostrou-me uma carta do Campos Andrade que vai fazer a biografia de José Jorge Laureiro, e lhe pediu a nota da sua vida académica:

— Não sei quem é este senhor... De certo algum illustre desconhecido...

Expliquei-lhe também quem era José Jorge Laureiro e dei-lhe indicações de que vive ainda em Portugal, o Paul Silvius Laureiro, meu condiscipulo na Escola do Exército, actualm.<sup>te</sup> tenente-coronel e chefe de qual quer repartição no Ministerio da Guerra:

O Madalil ficou mais uma vez arrependido de declarar que não sabia quem era José Jorge Laureiro...

E aqui está o credito conservador do Arquivo universitario!

x

Terminei hoje a conferencia sobre Nuvalvares, apesar de me sentir fisicamente muito abatido.

Creio que não ficará má; é natural q. agrade aos espiritos desempoeirados e q. venha a causar engulhos aos reaccionários. Trato o assunto com cautela e com certa "politica"; mas falo claramente.

Deve ser lida aos 18 deste mês.



Mais : 11.

Disse-me hoje o Vergilio Carneiro que o ministro da Instrução não autorizou a formação em Coimbra duma instituição que fosse um mixto de academia arqueologica e artistica e de amigos do Museu Machado de Castro.

Quando o Vergilio explicou os fins do instituto, dos quais o principal era a manutenção da revista Arte e Arqueologia, o ministro manteve-se na recusa. Nada de resurreição do Conselho de Arte e Arqueologia! O que o ministro quer é a formação de tal comissão consultiva em que terão maioria os padres.

Essa é que deverá ser formado e instalado brevemente.

Mais : 13.

Dia da penhora de Fatima! Dia glorioso!... E tanto que recebi segundas novas do meu celebre artigo para a Revista Militar e com ellas um cartão do Pires Montei-ro em que insiste na repetição em Lisboa da minha conferencia sobre Quinquenares. Diz que tem falado no caso a muitos liberais e todos apoiam a ideia.

O Pires Mont.º é levado dos diabos.



Mais : 16.

O meu sobrinho Henrique da Costa Ferreira tem umas concepções da vida e da família muito curiosas.

Disse-me hoje mi.ª Irene que está doente, com um zuluão atacado, que o filho, há dias, em conversa com ela e a respeito da doença lhe dissera claramente e duramente: « que aquilo era a ordem da vida, mas havia nada que estranhar; que ela, a Mãe, já vivera; ele, que era novo, é que necessitava de viver... Os novos precisam de lutar dos velhos... » E assim sucessivamente, com dureza e clareza.

É afinal um rapaz feliz.

Creio, mesmo, que já tem dito que, em se apANHando a ganhar dinheiro, não quer saber de ninguém. O mundo será só ele e... pronto!

Se tiver saúde, deve ser homem para a vida e, por consequência, para triunfar. Os outros que se governem.

Mais : 19.

Sempre fiz antes a anunciada conferência a que give o título: Amaluanos, chefe-militar.



Fiquei satisfeito. Fui ouvido com a maior atenção durante uma hora e dez ou 15 minutos. A sala da Univerrid: Liure estava cheia e disseram - me que algumas pessoas não foram por causa da escadaria de entrada que é, realmente, muito má.

Julgo que a palestra agradou. O Sr. más da Fonseca não se contém no fim e foi ao tablado dizer coisas: que a conferencia foi um modelo de logica, de critério historico, de argumentações, de forma literaria, etc. etc. e que deveris ser repetida em local onde coubesse m.<sup>ta</sup> gente ou publicada em folheto para ser distribuida pelo País e em especial pelo professorado...

Enfim, teve uma daquelas explosões de ingenuidade e sincerid.<sup>de</sup> em que exaggera como qualquer creança.

Os aplausos tiveram certo calor. E o mais curioso é que os jornais da terra nem uma linha noticia deram! O silencio completo!

Seria a censura que conta? Não é natural. Deveria antes ser o silencio dos jornalista muito proposito a meu respeito - como ha tempo se nota. E é preferivel que assim seja.



Maio: 27.

Receti ha dias uma circular impressa e assinada pelo meu antigo condiscipulo Paul Loureiro, que convida a uma prox.<sup>a</sup> reunião do curso para celebrar o 30.<sup>o</sup> anniversario da saída da Escola do Exército.

Respondi hoje ao Loureiro numa carta real-humariada. A carta fica arquivada no volume da "epistolografia, me al-tura competente e de certo vai causar nos promotores da reunião certo pasmo e certos empulhos.

A verdade, porém, é que um curso que se reúne para celebrar velhas amizades, confraternizar, etc. etc. e que deixa ha cinco annos desterrado o Helder Ribeiro que é um dos meus brilhantes condiscipulos; que não teve uma pequena atenção comigo; que se tem encontrado em revoluções em campos opostos; que em entrevistas nos jornais se mostra dividido e até accuse inimizadas — esse curso não tem direito a reunir-se á volta dumha mesa, em boa e sincera paz.

Alguns sustentáculos da actual situação entre os quais o Passos e Sousa, hão-de apparecer. Com que cara lhes falarei eu e que valor tem o natural alarço do encontro? Essa afropoada confraternização será uma



burla ou um contrasenso. Nada, pois,  
de pseudiras!

Não iréi e o caso fica arrematado.

Mais: 30

Veiu hoje a m.<sup>a</sup> casa o Tomás da Fou-  
reca dizer-me que ha dias, no Porto, deixá-  
ra encaminhado o comitê para eu lá ir  
repetir a conferencia sobre os unalvares. E  
disse tambem que em 28 e 29 deste mês fô-  
ra a Leiria e Batalha com uma excursão  
de professores do conc.<sup>o</sup> de Montagua e falau  
do em Leiria acerca da dita conferencia,  
viu em alguns amigos o desejo de me fa-  
zerem idêntico comitê.

De parte que tenho em perspectiva o  
comitê para o Porto, para Leiria e para a  
Figueira — sem contar com o de Lisboa,  
conferme a insistencia do Pires Monteiro.

Ora isto é celebridade de mais. Contem-  
tar-me-ei com Leiria e Figueira. E' coisa  
mais modesta e abandonarei as duas ca-  
pitaes ás suas ~~suas~~ notabilidades.

Mais: 31.

Uma anecdota...

Hoje, no estyrio da Univ. de L. apa-  
receu o dr. Antonio de Vasconcelos que,  
ao passar pela sala de leitura que é a da



entrada, me veio falar á mesa onde eu estava e a uma rapariga do 2.º anno de Letras que la tem ido ultimamente estudar e graduar paleografia. É claro que lhe servia de candidato reverente o illustre conservador Madahil.

A rapariga, que é classificada, aproveitou a occasião para fazer certas perguntas ao dr. Vasconcelos acerca d'um docum.<sup>to</sup> do sec.<sup>o</sup> XII que tinha em frente; e intermeado com as perguntas foi affirmando o auxilio que lhe tem prestado o Madahil com as suas luzes, competencia, boa vontade, etc. etc. A rapariga, com habilidade, ia lisongejando os dois ao mesmo tempo.

Ora o dr. Vasconcelos, com toda a nobreza, afastava de si os louvores e ia-lhe lançando sobre o Madahil a quem dizia multifluamente:

— Vejo bem que o meu amigo não se queira pisadas do seu antecessor...

E ao despedir-se da rapariga:

— Pois tem aqui um grande auxiliar no sr. dr. Madahil...

Eu, com os olhos no Livro de Notas que consultava, tive, no intimo, um assomo de indignação e pensei: que grande maroto! Bem se vê que é teologo... E não sei se á despedida, a minha expressão



acusaria qualquer coisa de anormal.

Eu explico: o antecessor do Madalil o Brito Silva, bacharel em Direito, tornou-se em Letras por conselho e sugestão de Vasconcelos e outros teólogos da faculdade para ir para aquele lugar de conservador do arquivo por ser pessoa m.<sup>to</sup> temente a Deus e ao treno caído. Depois, com o rodar do tempo, como tivesse qualquer questão com o Ferrand de Almeida, director do mesmo arquivo, moveram-lhe guerra á qual se juntou o Madalil que fez a vaga; e guerra foi ela que o rapaz teve que sair independentemente da sentença do Tribunal Administrativo para que recorreu e que o não salvou. Foi, segundo parece, uma perca de tudo aquilo que fizeram ao Brito Silva — cujo fei-  
to exigiu, um tanto ou quanto quisi-  
tento, poderia ter ajudado bastante.

E agora que o Brito Silva está em más circumstancias (que eles provocá-  
ram) dizem-lhe "amabilidades" de costas e com sorriso nos labios...

E ainda por cima, o dr. Vasconcelos que é todo liturgia e incapaz de faltar a uma regra de hierarchia, chamou Don-  
tor ao Madalil que é simples estudante da Faculd.<sup>a</sup> e ainda relativamente atrasa



do... talvez compreenda: o cargo de conservador só pôde ser occupado por um licenciado em Letras; como para lá foi o Madalril sem forma legal e possivelmente por forma ilegal, não-lhe dando o tratamento de deutor para côonestar a nomeações e para... fazer passar os outros por tolos.

Os teólogos!... A carja!...

Junho: 3

Hoje, ás 4 h. e  $\frac{1}{2}$  da tarde, minha irmã Alice entrou para o Sanatório de Belas. É a segunda doente que entra para o novo estabelecim.<sup>to</sup> hospitalar.

Junho: 5.

Recebi hoje uma carta de Mr. J. Gouven, historiador do grupo de francezes que estuda a historia da occupação portuguesa em Marrocos e creio que professor do Instituto de Altos Estudos Marroquinos.

Escreveu-me de Casablanca e diz-me que me vai mandar um trabalho relativo ao Infante Santo ao mesmo tempo que me pede colaboração para os seus estudos acerca de Marrocos.

É um bello pretextto para estabelecer correspond.<sup>a</sup> com esses trabalhadores de



historia que estão fazendo a resurreição do espargo português em Marrocos — sem que isso se saia neste abençoado país.

Mãe sei, porém, se manterei correspondência. Eles pedem tudo e mais alguma coisa; e daqui a pouco seria um agente dos altos Estados marroquinos em Coimbra.

Vamos a ver.

Junho: 12.

A Universid. conferiu ao capitão de mar e guerra Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, a honra de capelo honoris causa. E deve dizer-se que não fizeram mais que a obrigação pois aquelle official de marinha rege ha mais de 10 annos, creio eu, umas cadeiras de geodesia e mais não sei o que na Faculd. de Sciencias, parece que com algum presbiterio.

Ora acontece que o Vitor Hugo é secretario da Revista Militar e o general Beixeira Botelho mandou-me um officio, que recebi hoje, para o representar na cerimonia.

Eu protestára, desde estudante, não assistir á cerimonia de capelo: o que se passava na sala historica era simplesmente ridiculo para os tempos de hoje e a minha rebeldia não se conformava com esse.



estendal de velharias sem justificação...  
 E agora, sempre-me o convite feito por cre-  
 dura a quem não devo recusar qualquer  
 pedido para não só assistir ao "espectacu-  
 lo," como também tomar parte nele!...

No vol.<sup>o</sup> da "epistolografia," ficaram car-  
 tas elucidativas do assunto. Basta aqui di-  
 zer que o caso me arreliou mas, também  
 devo dizer que não tive outro remédio...

Pedi as drapenas ao velho am.<sup>o</sup> coronel  
 Francisco Gomes e lá fui! às 15 h. esta-  
 va na reitoria, a explicar as razões da mi-  
 nha presença; e lá fui no cortejo com o  
 meu grande uniforme, e notando certo  
 espanto em m.<sup>h</sup> gente que presencava a  
 fantochada e me não julgava militar. E  
 tive de assistir ao desenrolar da comédia  
 como outro qualquer mortal.

E assim quebrei os votos que fizera ha  
 mais de 30 anos... Ninguém diga, pois,  
 que deste capelo não beberei...

Junho: 13.

O Vitor Hugo de Azevedo Cavatinho veio  
 hoje a m.<sup>a</sup> casa deixar um cartão de agrade-  
 cimento. E eu fui despedir-me dele á es-  
 tação, á partida do rápido.

Só tres ou quatro leules ao tota-fóra.  
 O novo doutor apresentou a mulher e



duas filhas que o acompanhavam aos professores universitários, isto é, aos cavalheiros seus iguais.

Eu fiquei de fora...

Vi que o capelo e bórta lhe assentaram bem na cabeça. Absorvem facilmente o espírito universitário.

Que lhe presté.

Junho: 14.

Al proposito do Centro Republicano de Estudos Democráticos devo archivar aqui que ha dias disse ao Pinto Laureiro que não queria funções de direcção, pois estava destinado a vice-presidente da direcção — nem mais nem menos! Disse que ficaria apenas como socio e mais nada. Mas como eles quiseram, forçaram-me, dar-me qualquer função, meteram-me, segundo creio, numa comissão de direcção cultural ou coisa que o valha, a que preside o dr. Manuel da S.<sup>a</sup> Gaió.

Não sei o que isso seja. Mas, de certo, é comissão que nunca reunirá.

Devo tambem archivar aqui uma opinião de valor. Ha dias, encontrando o dr. Joaquim de Carvalho, falei-lhe no dito Centro e perguntei-lhe o que ele dizia sobre o caso; desciámos ~~o~~ a rua do Que



lira-Costas pacatamente; ele teve um gesto de indiferença e apenas commentou:

— Isso é coisa infame...

— Infame?... Em todo o caso quem é reunião de gente cotada que está fora da actual ditadura.

— Sim, é certo. Mas othe que é coisa infame...

Não insisti e guardei o commentario.

Junho: 15.

Nos jornais de hoje vem o discurso do ministro do Interior em Vila Real de Braz-os-Montes, acerca da politica do governo e da projectada constituição. Não resisto á tentação de arquivar umas passagens que são boadinhos de ouro:

« Em Portugal só não tem paz quem não quer. Evidentemente que, quando annunciámos a Paz ela é para quem enfi-teira ao nosso lado... »

« Esse documento (a Constituição) em-cerra, no seu eclectismo, tudo quanto é preciso para satisfazer as legitimas aspirações do povo português. »

« ... Não nos importa que elle (o documento, a Constituição) seja sujeito ao voto popular embora o referido projecto te-



mas alguns pontos que possam ser, porventura, incumpráveis para o povo. Este, porém, manifestar-se-á pelo coração. [...]... dessa forma o povo português votará por instinto.»

«... E até mesmo a ditadura se revela como um regime profundamente democrático.»

Bocados de ouro... E foram escolhidos ao acaso.

E o que é curioso é que eles dizem coisas destas a sério.

Junho: 22.

Dizem-me hoje o Pinto Loureiro que se fizeram ontem as eleições definitivas do Centro Republicano de Estudos Democráticos — a cuja direcção ficou presidido o dr. Anselmo Ferraz de Carvalho e na Assembleia geral o dr. Arnaldo Leal Gonçalves.

Quanto a mim, fiquei na comissão da Aliança Cultural com o dr. Manuel da Silva Gaió e Viterino Nemésio. É forte de mais, para um pobre diabo, esta aliança; mas tenho a melhor esperança de que a comissão nunca se há de reunir...

Orá hoje, ás 21 h. e 30 m. devia fazer a minha segunda conferência na Universidade.



Liure o illustre Pinto Laureiro que combi-  
nuaria e dissertar sobre bibliotecas em ge-  
ral e a sua em particular. Não sei, pro-  
nem, se foi propositado ou não, eias a  
verdade é que o publico; bem contado, só  
dava 20 pessoas!

Havia meus duzia de nomes: o dr. Ma-  
nuel Gaió, o Silvio Lima, o professor Rocha  
Brito, o infalivel Dias Pereira, o netho Ma-  
nuel Vilaca, etc. Mas as cadeiras... va-  
rias! Concordámos em que era melhor  
adiar e assim se fez.

A' saída, eu e o Tomás da Fonseca, fi-  
zemos considerações sobre o fiasco. Será  
a attitude dubia que o Pinto Laureiro sem-  
pre tem mantido em todos os passos da  
sua vida que fez afastar o publico? Haverá  
qualquer campanha perdida? Será a  
presença da noite que convidava a pas-  
sarear á beira do rio em vez de ir ouvir  
em sala quente uma conferencia que,  
depa-se de passapem, seria em parte elo-  
gio á obra do autor?

O certo é que ele saiu mu.<sup>to</sup> abarreci-  
do com o caso. E' para que saia...

A sua vaidade devia sentir-se mu-  
to ferida; o seu feitio dominador mu-  
to abalado.

Que tenha paciencia.



Junho: 23.

Um pouco de má-lingua...

Outem, na Universid.<sup>e</sup> Livre, appareceu o dr. Manuel Gaió para assistir á conferencia do Pinto Loureiros. Estava falando comigo e a lastimar até a sua falta á minha conferencia sobre Nematóides quando entrou o Dias Pereira que me.<sup>to</sup> efusivam.<sup>te</sup> me deu um meio abraço e me disse:

— Lá recebi o seu livro; bem haja!

Ainda não tive tempo de o ler, mas é magnifico!

E assim por aí alem. Trata-se do volume O Bacteriismo ha pouco posto á venda. E eu fiquei um tanto ou quanto assombrado...

O Manuel da Silva Gaió, o homem superior, de elegancia intelectual e moral — a oferecer o seu trabalho ao Dias Pereira com quem real tem relações!

Quanto póde o prestigio desses aventureiros!

Confesso que nunca imaginei a possibilidade de tal coisa; e confesso que senti vagamente um arrepião de desilusão... Dou direito ao poeta Manuel Gaió de oferecer os seus livros a quem quizer; mas o intelectual que ele é, com veleidades de



mentor literario, a oferecer O Bucolicismo a um traficante daquela laia... faz-me supôr que realmente ainda vale a pena per-seuariola...

Julho: 3.

Ouvi hoje dizer ao estudante de letras Antonio Gonçalves, socio do Centro Académico Democracia Christã, sacristão em S. Bartolomeu e jressoa, pelo que se diz, m.<sup>to</sup> cotada nos meios catolicos, que o ministro de Italia em Lisboa, mandára dizer ao organizador da excursão dos estudantes de letras aquelle país (creio que tambem estudante de nome Mendes de Almeida) que seria conveniente não irem peitão academicos catolicos — pois, acrescentava, os que não são catolicos poderiam sujeitar-se a qualquer coisa desagradavel.

Isô foi dito assim, sem mais nem menos. E como complemento acrescentou que lhe constava que o dr. Vergilio Correa iudicado como director da excursão já não ia pelos motivos acima.

E' claro que a exclusão do Vergilio é natural. Toda a gente sabe que ele não pertence á Madre Igreja Romana.

Aqui fica registado este parmenor na apparencia sem importancia.



Julho: 11.

Ontem fer-se a inauguração do monumento aos mortos da G. Guerra. Eu, é claro, não fui convidado para a cerimónia. Dizem os jornais que o Gomes de Sousa, o general q. comanda a Região, no seu discurso começou pela sua célebre e bem conhecida frase:

— O exercito é a pedra de toque pela qual se avalia a civilização dum povo!

Já conheço, por ele, a frase há uns bons 30 anos. O dr. Joaquim de Carvalho a quem notei a frase, disse-me com o ar mais sério deste mundo:

— Vê-se que é homem de ideias asperas...

Julho: 16.

Sempre irei á reunião do curso. O Paul Cour. estão em termos tão affectuosos e encarepau o Luis Mota e o Alberto Monteiro de me convencerem que resolvi ir. Parece que se não fará a reunião sem a m.<sup>a</sup> pessoa...

Lá não á néla uns 200 escudos com o passeio e a inscriçao; mas que diabo! é uma vêr em 30 anos...



Julho: 20.

Voltei hoje de Lisboa e pude assistir á reunião do curso. Foi, afinal, uma commemoração interessante e que correu ex-  
celentemente.

Um dia no Estoril (Tamariz) e en-  
tro em Mafra depois de tomarmos café  
na Escola do Exército.

Depois de 30 anos, foi romagem que  
tomeu meu interesse.

De tudo, porém, o que mais me im-  
pressionou foi o ver que os 30 anos não  
mudaram o espirito da maioria dos meus  
condiscipulos; com raras excepções são  
conservadores o mais possível e receiam  
uma mudança radical nos sistemas de  
governo. Daqui vem, de certo, a segui-  
rança da ditadura e a infirmitade de  
qualquer tentativa de modificações no nos-  
so quadro politico. Eles reflectem em  
geral o exercito e em especial a guar-  
nição de Lisboa, base essencial da situação  
militar actual. O meu falar sem jeito  
dizem eles que é bolchevismo...

Etc. etc.

E uma outra coisa que me feriu a  
retina e o ouvido foi a accumulção ben-  
tal de material de guerra por todas as



unidades de Lisboa e Escola de Mafra. Os quartéis da capital são fortalezas e a Escola Prática é uma reserva formidável às portas de Lisboa que facilmente percorre os 30 K. de distancia.

Isso é: a ditadura arma-se convenientemente e agora... é pegar-lhe com trapo quente. E por mais que o Salazar dê com um chicote na classe militar, a classe recolhe-se porque antes quer o chicote com o soldo certo no fim do mês do que o revirinho sem a certeza do ditado soldo a tempo e horas.

— Defendêmos a pele!

É a frase que resume um certo numero de argumentos que eu ouvi em resposta a certas lanchas que eu lançava de vez em quando a propósito de qual quer coisa.

E depois, com um ministro que se sujeita a tudo porque se sujeitou a ser general por distincção, promovido por causa do esmagamento de uma revolta militar "as coisas hão de seguir o seu natural caminho para destino ignorado.

E o Jesuíta, por sobre tudo, a abrir as asas protectoras...

---

" O general Daniel de Sousa.



Julho: 25.

Resolvi-me a responder ao escriptor francês J. Goulven, de quem escrevi qual quer coisa ha pouco tempo. A carta foi em francês, traduzida por m.<sup>a</sup> Filha; e juntamente com umas notas dos mss. relativos a Marrocos existentes na Biblioteca universit.<sup>a</sup> mandei, pelo mesmo correio, a m.<sup>a</sup> monografia sobre o Accão da Praia da Vitoria.

A carta ficou copiada no vol.<sup>o</sup> da "epi-  
tologia" Ju

Julho: 26.

O Pinto Laureiro pediu-me ha dias um bocado de prosa para o numero quasi especial da Gazeta de Coimbra em que deverão sair os estatutos, socios e comissões do celebre Centro Republicano de Estudos Democraticos.

Deve esse numero ter certo exito. E como deram originais o dr. Manuel da Silva Gago, o dr. Anselmo Ferraz de Carvalho, o professor Martius de Carvalho, etc., eu escrevi umas linhas com a orientação do meu ultimo art.<sup>o</sup> na Revista Militar, isto é: a minha maneira de interpretar a historia em geral e a militar em especial.



O Pinto Loureiro, depois de ler, disse-me que gostou.

Que havia ele de dizer?

Julho: 28.

Fui hoje á Figueira eude parece que vou ser colocado.

Na reunião do curso, em 17 e 18 deste mês, ao falar com um e outro acerca da nossa situação perante a prox.<sup>a</sup> promoção a tenente-coronel, concluiu-se que esta se aproximava e que seria conveniente tratar do caso.

Eu, é claro, concordava; mas... a minha volta ao serviço é que me traco difícil. Pedir, não peço e a ser reintegrado será por determinação exclusiva do Ministério da Guerra.

O caso, porém, talvez se resolva pois me pareceu que o Paul Loureiro e o Alberto Monteiro se interessam pela minha colocação — não sei se por camaraderagem se por qualquer interesse oculto.

É bom estar sempre de pé atrás...

É certo que o Loureiro, no Ministério, pode mexer os cordeis se quizer; e o Monteiro é natural que deseje a m.<sup>a</sup> companhia no regimento. Ontem, até, recebi carta deste ultimo em que dizia que o Paul



Loureiro o prevenira de que eu seria colocado na vaga aberta num batalhão de Infantaria 20; que se o commandante propozesse seria convenientemente fazer-lo já e que se o Quartel-general da Região informasse bem, eu seria colocado na prox.ª Ordem do Exercito. E o Monteiro concluiu que o commandante do 20 me proporia com muito prazer.

Ora em vista do exposto, cumpria-me agradecer-lhe e lá fui hoje á Figueira.

Fui bem recebido. O cor.º Artur José dos Santos é bom homem, confiante, de sejo sempre de conciliar e faz um commando discreto, mantendo a officialidade em boa harmonia. O ambiente pareceu-me bom; o Monteiro assegurou-me que não haveria perigo para mim; o coronel tambem me disse que eu estaria lá muito bem porque um ou outro mau elemento que havia, desaparecera.

Confim... vamos a ver. Entrego-me á sorte — que aliás ha muito me persegue. Assim seja.

Agosto : 1.

O Centro Republicano de Estudos Democráticos appareceu finalmente em publico! Post tantesque labores...



A Gazeta de Coimbra, no seu ultimo numero, o 2917 de 30 de julho, publicou os estatutos, os nomes dos directores e dos que constituem as Comissões e varios bocados de prosa alusivos aos fins do Grupo, assinados por homens de certo nome: desde o Brito Camacho, desceendo ao Dias Pereira até chegar á ru.ª modesta pessoa.

O pizôr foi que o meu bocado de prosa com o titulo de Historia militar, saiu com gralhas e umas delas foi a supressão de duas linhas do original. É uma prova evidente da confusão da época...

Mas enfim... Aqui fica <sup>no</sup> arquivo esse "bocadinho de airo", saído da ru.ª pessoa:

## HISTORIA MILITAR

Na resolução do problema da cultura em Portugal está incluída, embora em parte restrita, a maneira de estudar a historia militar portugueza.

Ha, na especialidade, alguns trabalhos de valor; mas não teem tido a influencia que seria necessario ter; uma historia geral menos mal orientada ficou, infelizmente, no começo.

Assim se pode dizer que a historia militar anda ao sabor das correntes politicas; amoldam-se os factos ás preocupações subjectivas; e apparecem explicações consoante conveniências de momento. Não ha uma severidade de critica sem preconceitos; e se alguma discussão surge sobre este ou aquele caso, os contendores tomam uma attitude aggressiva que redundá quasi sempre em questão pessoal.



O problema tem, pois, de ser agitado com clareza e com boa vontade. É necessário acabar com todas as limitações

que as que nos dão infalivelmente as classes

que as que nos impõem as ideias políticas ou crenças (ou fingidas crenças) religiosas.

Eu bem sei que é difícil cortar de vez com todos os preconceitos e até com todos os erros. E quantas vezes esses erros e preconceitos veem encobertos com uma boa prosa que nos deleita pela sua musicalidade e pela elegancia dos conceitos!

Mas é preciso pôr o problema a descoberto e mostrar que a interpretação dos factos e da acção dos homens deve ser feita doutra forma despindo uns e outros do sobrenatural que tudo estraga e, sem preocupação anterior, no fito unico de esclarecer a verdade.

E como consequencia de tudo isto, teremos que pôr de lado a admiração pelo passado para só ver nele o que nos possa ajudar para o futuro. «Ce qui est vieux doit rester vieux» como disse. creio eu. Renan.

Só assim libertaremos o pensamento e creio que então é que poderemos estudar sem a obcecção doentia (mas infavel) de que o redentor tem que apparecer numa manhã de nevos.

Julho, 1932.

*Belisário Pimenta*

Seria realmente gualha tipografica ou a censura politica fareja referencia á classe militar? Qualquer das hipoteses pode ser admitida.

Agosto: 3.

Ontem fez-se em Lisboa, com grande aparato oficial e extra-official, o enterro do



muito sabio, do bom, do excelente, do inolvidavel D. Manuel de Bragança, ultimo rei português; e como se ele não estivesse já alcaudorado na Historia pelas laurarni-nhas dos seus acolitos e dos orgãos de in-jureza dos actuais ditadores, ainda foi ne-cessario trazê-lo solemnemente para o Pan-téon dos seus maiores, com barulho su-surdecedor para que a fama se não dei-xasse adormecer nem as suas trombe-las ponderosas ficassem enferrujadas...

A manifestação monarchica foi com-pleta, como não podia deixar de ser. Não faltou, segundo os jorna-listas, o pol ale-gre de Portugal, a chispar pelas cantarias da cidade centelhas brilhantes de apoteó-se!...

Com o funeral de ontem fechou-se, conforme disse o illustre presidente Sa-lazar, a ferida sangrenta que a revolu-ção de 1910 abriu no corpo da Nação. A ferida cicatrizou com as centelhas solares e com as casacas solenes dos monarchicos reverentes e compungidos.

Ainda bem.

E o que mais impressionou o mun-do e me sensibilizou quasi ao ponto das lagrimas — foi o saber que ás exequias solenes em S. Vicente compareceu, de



luto riparoso e aspecto verdadeiramente de sofrimento, a mulher do general Carmona (a muito celebre taberneira de Chaves) acompanhada por uma filha.

Como é costume uma tenura assim!...

E o Corpo diplomático, reverentemente, curvou-se á passagem dessas mulheres com luto riparoso e rosto verdadeiramente alanceado pela dor...

E logo a seguir, ao som de clarins e dos passos rípidos dos soldados do Paul Esteves — appareceu o ataúde do heroe que ia entrar definitivamente na historia.

Ora ao meu lado, qualque demonio invisivel, pegada-me:

— Entrou definitivamente na historia ou simplesmente na palcadeira de S. Vicente de Fora? Vê lá como escreves, não não essas palavras complicar, para o futuro, algum investigador consciencioso...

Quiz responder, mas o demonio era invisivel... Fiquei-me a olhar as illustrações dos periodicos que largamente tratam do successo; e confesso que ao recordar esse rei que era alvo de tanto manijobação de hipocrisia, murmurei:

— Polera rapaz!



Agosto: 7.

Ontem tomou posse do governo civil do Porto o advogado Domingos Moreira, filho do professor Guilherme Moreira que foi protector do Salazar nos tempos de principiante deste como futuro lente e futuro politico.

Mais um monarchico que vem servir a Republica...

Os jornais dão ao acto um enorme relevo. Transcrevem os discursos e por estes se vê a arrogancia com que todos falam — esquecendo completamente a Republica, palavra que se não pronuncia...

Mas o que me levou a apontar o facto, foi uma frase do ministro do Interior ao referir-se á felicidade de que o povo portuguez está gozando desde que vivemos em regime de ditadura reutilizar; disse que era necessario que ela continuasse; e com simplicidade camoufletamente concluiu:

— Que esse lar, essa grande « cidade nacional » se constitua « pacificamente... » Mas não haja illusões: se a não poderemos construir pacificamente, construir-i-la-remos « violentamente... »



Felicidade á força!... felicidade pela  
violencia!...

Agosto: 10.

Floje, de manhã, o dr. Rocha Brito  
chamou-me a atenção para o que o Diá-  
rio de Coimbra disse a respeito no nume-  
ro da Gazeta que celebrava o aparecim.<sup>to</sup>  
do Centro de Estudos Democráticos.

E acrescentou com ar de rijo:

— Uns réles... uns denunciates...

O artigo tem sido muito censurado.

Fui á procura do jornal porque é  
necessario explicar: desde 1 deste mês  
que não saio de casa por causa de uma  
veimosa bronquite que me agarrou não  
sei como e não me quer deixar.

O numero de que se trata é o n.º 765  
de 2 do corrente. traz em letras grandes  
na prim.ª pagina, um artigo que abraça  
tres columnas com o titulo Dos Estudos  
Democráticos. Não traz assinatura.

É uma critica trocista ao grupo; faz  
considerações pouco inteligentes sobre  
a sua formação e passa em revista os  
vários artigos publicados. E quasi todos  
se dirige com ares de troça paternal e  
algumas réles réles; só aponta o ilus-  
tre Dias Pereira a quem chama ama-



velocemente « um dos maiores visionários políticos destes tempos. » Sempre é bom ser-se transfolineiro...

Com o Dr. Joaquim de Carvalho tem atencões e concorda inteiramente com as suas considerações.

É claro que eu também apauho e devo dizer que talvez seja o mais maltratado; e a Gisca que me lançou é tão esdrúxida que a verdade é de rir mais do que tendencia para enjogar. Dizeu eles:

« O sr. F... despreza o sobrenatural o que afastará certamente do Partido Democrático (sic) quem tiver creanças... » e fecha com esta: « Trata-se portanto dum grupo atéu que em nome da Liberdade não tolera creanças. »

São burros ou não?

Quem escreveria aquilo? Comprehenderia o homem o que eu escrevi e fez aquella annotação para desorientar? Ou não perceberia e nesse caso não faz mal que lhe chame burro?

O que me pareceu, também, é que ha certo tom de despreso na maneira como me trata. Que mal lhe faria a minha prosa que nada tem de aggressivo e não ofende quem quer que seja?



Agosto : 12.

Fui hoje convidado para ir falar ao Tenente de Infant.º demittido Cesar de Almeida, um dos grandes entusiastas em Braga da preparação do movimento de 28 de Maio e um dos diurnicos officiais dos primeiros tempos.

Dizem-me que é sincero republicano; e como tal, foi um dos desiludidos ás primeiras amostras da situação actual. Desprezado, como muitos outros, entrou nas conspirações seguintes que deram o resultado que todos sabem. Como muitos outros, foi demittido e é procurado pela policia politica. Ando a monte, escaudido aqui e ali por casa de uns e de outros.

Ora foi mesmo dessas casas que eu o visitei, a convite dele. Não o conhecia e achei um individuo simpatico, intelligente, ar de desembaraço, pessoa «para uma pressa» como é vulgar dizer-se, maneiras distintas de creatura habituada a boas relações. Queris ele q? eu me encarrasse, em Coimbra, de organisação, dentro da guarnição, de novo movimento revolucionario, alegando que só o meu prestigio pessoal se-



ria capaz de fazer reunir certo numero de elementos descontentes que cautelosa-mente se não manifestam, e só eu seria em Coimbra a pessoa com qualidades para dirigir a empresa.

Não sei se o rapaz foi sincero se o que disse seria para me conquistar; supuz que foi sincero e sinceramente expuz-lhe a situação tal como ela me parece e fiz-lhe um quadro dos valores da guarnição quer os que são leais á situação politica quer os que lhe são contrarios; procurei demonstrar-lhe que estes ultimos com excepção dum ou dois, o maximo, são creaturas com quem não conviria ir mesmo f.<sup>o</sup> o céu... E ainda fiz-lhe um retrato tão fiel quanto possível da m.<sup>a</sup> pessoa f.<sup>a</sup> ele se convenceu que não sou eu o modelo de dirigentes de revoluções e m.<sup>to</sup> meus de aliciadores f.<sup>a</sup> o mesmo fim.

Em conclusão: no final da minha longa exposição que me parece ter deixado impressionado o ex-tentante, este ficou convencido de que em Coimbra era melhor não mexer; e se ha vontade e possibilidad.<sup>e</sup> de derruir a ditadura não é pela Lusitania que se deve começar — antes pelo contrario...



Ao despedir-me do Cesar de Al-  
 meida, pareceu-me pelo ar abatido  
 que lhe vi, que ~~me~~ me dobrei mais uma  
 ilusão. Vieni a Coimbra com esperança  
 de ver um caminho mais ou menos  
 seguro; eu tapei-lho com a expressão  
 cheia de escepticismo (não nego) mas nem  
 por isso menos sincero e creio que veri-  
 dica. Sai da casa com jeito de rapaz.  
 Daquella residência teria de passar pa-  
 ra outra, depois p.<sup>a</sup> outra e a seguir ain-  
 da para outra e assim successivamen-  
 te até... até quando?

Vim aborrecido com a desilusão q.  
 causei; mas não seria melhor assim?  
 Para que alimentar esperanças sem fun-  
 damento?

Em Coimbra, nada feito. E' melhor  
 não mexer... E quanto a mim... digo  
 o mesmo: não me mexam, não sin-  
 to p.<sup>a</sup> tais audanças.

Polvre Cesar de Almeida! O que vai  
 ser feito dele?

x

Outro assunto, agora.

Ontem e hoje assisti ás lições no  
 curso de férias da Faculd. de Letras, fei-  
 tas pelo Germano Cidade sobre literatura  
 portugueza.



Versáram acerca de Luis de Ca-  
mões e foram magnificas de clareza,  
de erudição, de interpretações, de conceitos;  
porém, a forma, isto é, a exposição re-  
sentê-se um pouco do nosso passado  
retórico, da tendência catedrática para o  
enfático. Será isto proprio dele ou absor-  
ção dos defeitos do ambiente?

Foi o unico senão que encontrei nas  
lições e fiquei com a impressão de que o  
bidade é um autentico valor, ainda no-  
vo, talvez, mas que, com o tempo se  
afirmará e ainda mais com a idade  
— se, é claro, se não esgotar...

Ontem não lhe falei. Esperei que ele  
me reconhecesse e se quizesse me vies-  
se falar. Com gente de café e barba é  
necessario muito cuidado...

Mas ele hoje foi o primeiro a falar.  
Estava em no corredor da Faculd. a' espe-  
ra, num banco, de hora da entrada, e  
por desfastio a escrever num tocado de  
papel uma equação do 2.º grau com ter-  
mos irracionais, quando senti ao lado  
uma voz amavel:

— Como passa V.ª.?

Olhei e vi ao pé de mim o Heruani  
bidade. É claro que lhe mostrei muito  
agrado e ao diripir-se para a sala das



conferencias, não me deixou passar por  
ra a esquerda e tratou-me reverente-  
mente por « meu coronel... »

Preferiu-me ao meu feitiço investiga-  
dor que se deveria confundir no am-  
biente de Coimbra; e quando eu lhe disse  
que trabalhava só por mero prazer espi-  
ritual e não para criar nome porque  
mesmo ninguém dava pelo meu traba-  
lho, ele disse amavelmente:

— Está V... expandido. Ela quem co-  
nheça os seus trabalhos e quem lhes dê o  
devido valor.

E perante um encolher de ombros de  
desdem que tive, ele continuou:

— Permita-me que lhe conte uma  
anedota... Em Nova York havia um to-  
cador de carrilhão numa velha igreja que  
viveu sempre entregue ao seu sonho  
musical; seu nome ainda se fazia ouvir  
bastante, porq. o bairro onde estava a  
igreja era relativamente sossegado, mas  
com o andar dos tempos, o barulho foi  
aumentando, tomou-se insurdecedor  
e já ninguém ouvia o carrilhão. Contu-  
do, o tocador lá ia, todos os dias, religio-  
samente, tocar as suas arias, compôr  
arias novas, no meio do tru-á-á infer-  
nal da cidade, convencido de que tocava



só para mi e por simples prazer íntimo;  
 muito pessoal. Ora um dia, em qual  
 quer local ouviu falar do seu carrilhão;  
 um indivíduo, com ares de artista, dizia  
 que a certas horas do dia largava o seu  
 trabalho p.<sup>a</sup> ir ouvir, com encanto, a  
 musica dos sinos e nesse mesmo dia  
 ficára arreliado porque o carrilhão ficára  
 mudo e privara-o do prazer ineffá-  
 vel da musica. O carrilhãoista, velho,  
 curvado ao peso de tantos annos de indi-  
 ferença do mundo, endireitou-se ao ou-  
 vir o artista; precisam.<sup>te</sup> nesse dia e  
 por caso excepcional não tocára; as lagri-  
 mas correram-lhe suavemente; o aze-  
 dum de incompreendido transformá-  
 ra-se em suavidade bíblica... Othou p.<sup>a</sup>  
 o artista ternamente, com vontade de o  
 abraçar e de o beijar. Não sabia quem  
 era. Mas a felicidade estava em saber q.  
 no meio do tumulto infernal da cidade  
 havia alguém que o escutava; daí por  
 diante sentiria a consolação, ao tocar, de  
 saber que não tocava só p.<sup>a</sup> si, que outros  
 ouviam e escutavam e compreendiam...

E o glorioso Cidade concluía que se  
 deveria sentir como o velho musica de  
 Nova York a consolação que tem os traba-  
 lhadores modestos que se não quece-



para com o publico: isto é, a consolação de saber q. duas ou tres pessoas me conheciam e apreciavam os meus trabalhos.

E com este amavel ajolapo nos despedimos para ele commecar a lição. Mas confesso que fiquei sem perceber bem onde ele queria chegar...

Agosto: 27.

Dois factos q. deuem ficar registados.

Um refere-se ao celebre artigo do Diario de Coimbra que critica as prozas dos componentes do Centro de Estudos Democraticos # que ha dias deixei no tado, a pag. 329-330.

O artigo foi escrito nem mais nem menos que pelo medico Moura Rebelas, actualmente governador civil... E o mais interessante é que este cavalheiro passa por inteligente.

Sloune quem lhe censurasse o acto e lhe dissesse qualquer coisa aspera — ao que ele respondeu que o artigo fôra apenas uma taracha sem intuios ofensivos e muito menos de denuncia.

Seja como fôr: fica-se sabendo quem foi o autor e que o sr. governador civil distrai os seus ocios recreando tarachas inofensivas...



O outro facto diz respeito ao Dr. Joaquim de Carvalho.

Num grupo de amigos e todos conhecedores do que vale o illustre professor, foi muito censurado o proposito seu que elle está de publicar a obra actual de todos os reaccionarios em edicões da Imprensa da Univ. para (segundo elle) ficarem testemunhos de todas as atitudes mentais do momento. E acrescentava-se: « todas as atitudes mentais dos reaccionarios, mas só as dos reaccionarios... »

E como a conversação deslizou para a falta de cooperação que elle tem dado a qualquer iniciativa liberal, houve quem explicasse:

— Elle agora não fez nada que não se já para ganhar dinheiro. É escusado inter com elle sem primeiro ajustar preço.

E aqui está como são os homens de pensamento entre nós. Pode haver certo exagero no que aí fica, mas ha muito de verdade. O Dr. Joaquim de Carvalho é suspeito á actual situação politica e procura apontar-se com os tagalés aos reaccionarios sem esquecer o necessario mercantilismo... É a dureza da vida de hoje com todas as suas brutalidades.



Agosto: 24.

Acres da m.<sup>a</sup> colocação em Inf.<sup>a</sup> n.<sup>o</sup> 20, nada ha. O Paes Laureiro não me escreve, o Monteiro catou-se e eu estou a ver que tudo fica na mesma.

O Laureiro tem um feitio muito especial; ~~é~~ é muito capaz de não fazer caso do que prometeu. Não quererá comprometer-se com um camarada suspeito ou pelo menos duvidoso.

Agosto: 25.

Hoje, casualmentê, na Bibliotheca da Univ.<sup>rsid.</sup> vi entrar entre os livros recebidos do Depósito legal, um volume com o seguinte título: Terceira. A Ilha de Jesus, do terceirense Gervasio Lima.

Vi que era volume comemorativo do centenario e peguei nele, por curiosidade, para ver se falava na accão de 11 de Agosto de 1829 e na m.<sup>a</sup> monografia.

No final do volume vem larga bibliographia mas não vi nela o meu trabalho... Procurei a noticia da accão e lá vem, realmentê, em duas ou tres paginas, em linguagem enfiada, com a reprodução de todas as banalidades dos livros e repetição de alguns erros que eu procu-



rei corrigir. Por onde se vê que o escri-  
tor Gervasio Lima não quiz proposita-  
damente citar a m.<sup>a</sup> memoria e meus  
mesmos aproveitaram-se do que eu lá di-  
zia de novo sobre os successos.

E eu a julgar que o meu trabalho  
valeria para alguma coisa!

Já ha dias, no n.<sup>o</sup> do Diario de Noti-  
cias dedicado ao centenario, que eu es-  
creveu acerca da vida da Praia e a accão  
de 11 de Agosto fez a mesma coisa que o  
Gervasio; mas num jornal não será  
muito p.<sup>o</sup> reparar, o que se repára é no  
livro feito a serio e para ficar.

Do vir para casa e pensando no  
caso, lembrei-me de que o Vitorino Ne-  
mesio, em 1929, quando andávamos a  
organizar o volume do Memorial, me  
dissera que o Gervasio Lima é que que-  
ria fazer o capitulo da historia da Praia  
e em especial o da accão militar de 11  
de Agosto.

Deve estar aqui a explicação — se  
bem que a explicação redunde em pre-  
juizo mental e moral para o dito Ger-  
vasio Lima. Erau, pois, ciúmes de  
bairrismo açoreano e ... ciúmes de  
historiador! Não poderá ser outra coi-  
sa, com certeza.



Polvo Genovasio!... O que ele não sabe é que eu sou incapaz de ter ciúmas dele...

Agosto: 29

Continuo sem saber o que ha a respeito da m.<sup>a</sup> colocação no regimento de Figueira. Estão a extranhar e a desconfiar do silencio.

Resolvi ir passar o mês de setembro à Figueira. Se vier a colocação no 20 já lá estarei; se não vier... esperarei os acontecimentos com calma e creio que com indiferença.

Figueira da Foz: Setembro: 8.

Aqui estão, desde o dia 1, na expectativa de que seria colocado em Infantaria 20 conforme as promessas tão amavelmente ditas e voluntariamente oferecidas.

Eu já tenho idade para ter juizo, é certo; mas não fica mal confessar que ainda acreditei na sincerid.<sup>e</sup> e na seriedade dos promettimentos...

Passo os dias mais ou menos escondido no recanto entre dois baluartes do forte de S.<sup>ta</sup> Catarina hoje entregue a uma Societ.<sup>e</sup> qualquer de Turismo. O recanto está voltado ao sul, e dele vejo as ondas



bater na muralha construída na prau-  
co ~~na~~ na barra, do lado sul; e pelo sim-  
to, em baixo, a uns 20 m. de tanto, ba-  
tar com zum-zum constante, as ondas  
deste lado.

É uma verdade: retiro... espiritual  
a que até não falta um padre, ás vezes,  
que passa subtilmente embetido na lei-  
tura do breviário. É recanto a meu  
gosto, onde nem pouca gente, onde ha-  
por consequencia possêgo e — como  
neste momento em q. escravo — onde  
se disfruta o curioso espectáculo da pas-  
sagem das traineiras que afrocitam  
a praia-mar para sairem a barra, gal-  
gando as ondulações fortes da agua, es-  
parrinhando espuma com a jóia agu-  
da, simbolo muito batido mas sem-  
pre novo da eterna luta.

Aqui tenho lido os numeroes segui-  
dos de O Desemprego do Sr. José Agosti-  
nho de Macedo que me fazem cismar  
em certas verdades que ele diz. Aqui  
li A Batalha sem Fim do Aquilino que  
me impressionou; e aqui estava ontém  
a ler innocentemente o Paulo e Virgínia  
de St. Pierre e a apreciar a candura do  
autor e das personagens do romance,  
quando um amigo me mostrou, num